

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FAGED

CURSO DE JORNALISMO

JULIANA IZABEL SILVA EVANGELISTA

**MASSACRE EM SUZANO: ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA NO
PROGRAMA BRASIL URGENTE**

UBERLÂNDIA - MG

2019

JULIANA IZABEL SILVA EVANGELISTA

**MASSACRE EM SUZANO: ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA NO
PROGRAMA BRASIL URGENTE**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), como requisito parcial para obtenção do título de bacharel em Jornalismo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Adriana Cristina Omena dos Santos

UBERLÂNDIA – MG

2019

JULIANA IZABEL SILVA EVANGELISTA

**MASSACRE EM SUZANO: ANÁLISE DA COBERTURA JORNALÍSTICA NO
PROGRAMA BRASIL URGENTE**

Monografia apresentada ao curso de
Jornalismo da Universidade Federal de
Uberlândia (UFU), como requisito parcial
para obtenção do título de bacharel em
Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Adriana Cristina Omena dos Santos
(Orientadora – Faculdade de Educação/UFU)

Prof. Dr. Nuno Manna Nunes Cortês Ribeiro
(Examinador – Faculdade de Educação/UFU)

Prof.^a M.^a Fernanda Torquato Braga Silva
(Examinadora – Faculdade de Educação/UFU)

Uberlândia, 11 de dezembro de 2019.

Ao meu marido, por me mostrar o
valor da vida.

AGRADECIMENTOS

Ao meu pai, Belizário, meu grande amigo e meu maior incentivador à educação desde a infância. E que, com seus exemplos de vida, sempre me ensinou a nunca desistir.

As mulheres incríveis que são minha mãe, Romilda, e minha avó, Ilda, por todas as orações, cuidado e zelo durante a jornada. E a todos os meus familiares e amigos por acreditarem em mim.

Ao meu marido, Danilo, por tanto companheirismo, cuidado, motivação e amor. Por tornar os fardos da caminhada mais leves.

A minha orientadora, Adriana, pela paciência e pelos valiosos ensinamentos durante este processo.

Aos meus professores do curso de Jornalismo que com maestria ampliaram minha visão de mundo.

Aos meus colegas e amigos de curso, por dividirem as angústias e somarem as alegrias. Em especial a Jéssica por toda reciprocidade.

A todos aqueles que contribuem, em especial aos que resistem, para manter o funcionamento da educação pública gratuita de qualidade.

Por fim, a Deus, força maior que me conduz.

EVANGELISTA, Juliana Izabel Silva. **Massacre em Suzano: Análise da cobertura jornalística no programa Brasil Urgente**. 2019. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RESUMO

Esta pesquisa analisou a cobertura sobre o massacre em Suzano dada pelo programa televisivo do gênero policial Brasil Urgente, no dia 14 de março de 2019, um dia após o ataque. Buscou-se compreender os critérios de noticiabilidade adotados, as questões éticas da cobertura e as características do Jornalismo Policial presentes, como o sensacionalismo. À luz do método dialético, que permitiu refletir e problematizar o objetivo de estudo, cuja temática é caracterizada pela complexidade, foi possível obter resultados de que a cobertura jornalística enfrentou dilemas éticos e por vezes desrespeitou as normas éticas, trazendo abordagens sensacionalistas sobre o caso e dando notoriedade aos atiradores, o que contribuiu para reflexões acerca da repercussão de crimes semelhantes.

Palavras-chave: Jornalismo Policial; Ética; massacre em Suzano; Brasil Urgente

EVANGELISTA, Juliana Izabel Silva. **Masacre en Suzano: Análisis de la cobertura periodística en el programa Brasil Urgente**. 2019. 63 f. Trabajo de Conclusión de Curso (Licenciatura en Periodismo) – Universidad Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2019.

RESUMEN

Esta investigación ha analizado la cobertura sobre el masacre en Suzano hecha por el programa de televisión del género policial Brasil Urgente, en el día 14 de marzo del 2019, un día después del ataque. Ha buscado comprender los criterios de noticia utilizados, las cuestiones éticas de la cobertura y las características del Periodismo Policial presentes, como el sensacionalismo. Con base en el método dialéctico, que ha permitido reflexionar y problematizar el objetivo del estudio, cuya temática es caracterizada por la complejidad, fue posible obtener resultados de que la cobertura periodística ha enfrentado dilemas éticos y por veces no respetó las normas éticas, trayendo enfoques sensacionalistas sobre el caso y dando notoriedad a los tiradores, lo que contribuyó para reflexiones acerca de la repercusión de los crímenes similares.

Palabras clave: Periodismo Policial; Ética; Masacre en Suzano; Brasil Urgente

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Cenário e posicionamento do apresentador no Programa Brasil Urgente.....	21
Figura 2 – Datena aponta para as notícias mais lidas do portal Uol.....	27
Figura 3 – Imagem da cobertura da coletiva com a Polícia Civil no Brasil Urgente.....	39
Figura 4 – Delegado de Suzano dá entrevista a Datena durante o programa.....	41
Figura 5 – Expressão facial de Datena após o delegado revelar o objetivo dos assassinos.....	42
Figura 6 – Imagem do arco-íris que se formou no céu do cemitério São Sebastião em Suzano.....	43
Figura 7 – Repórteres dividem tela na abertura do programa Brasil Urgente.....	48
Figura 8 – Imagem do cortejo aparece durante exibição de reportagem.....	49
Figura 9 – Imagem ao vivo do cemitério divide com a coletiva da Polícia Civil	49
Figura 10 – Imagem ao vivo de caixão sendo transportado divide tela com a entrevista do delegado de Suzano.....	50
Figura 11 – Familiares e amigos choram durante enterro de inspetora.....	51
Figura 12 – Imagem dos filhos da inspetora aos prantos aparece no telão.....	52
Figura 13 – Imagem aéreas mostram alagamento em São Paulo.....	53
Figura 14 – Manchete do Jornal “Correio Braziliense” do dia 16 de agosto de 2019.....	54
Figura 15 – Manchete do jornal “Estado de Minas” do dia 07 de novembro de 2019.....	55
Figura 16 – Manchete do jornal “Gazeta do Povo” do dia 29 de agosto de 2019.....	55
Figura 17 – Manchete do jornal “A Tribuna” do dia 3 de outubro de 2019.....	55
Figura 18 – Manchete do portal “G1” do dia 21 de agosto de 2019.....	55
Figura 19 – <i>Posts</i> de Guilherme Tauci no <i>Twitter</i>	56
Quadro 1 – Roteiro da Reportagem 1.....	29
Quadro 2 – Roteiro da Reportagem 2.....	34

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 OS ALICERCES DA NOTÍCIA.....	12
2.1 Os critérios de noticiabilidade.....	12
2.2 A ética no jornalismo.....	13
3 O JORNALISMO POLICIAL NO PROGRAMA BRASIL URGENTE.....	17
3.1 Jornalismo Policial e Sensacionalismo na TV.....	17
3.2 O Brasil Urgente: um pouco de sua história.....	20
4 A COBERTURA DO MASSACRE EM SUZANO: DAS CONTRADIÇÕES À HISTORICIDADE.....	23
4.1 Procedimentos metodológicos adotados.....	23
4.2 O massacre de Suzano: breve relato.....	25
4.3 Uma análise dialética do dia seguinte ao massacre no Brasil Urgente.....	26
4.3.1 Reportagem 1.....	29
4.3.2 Reportagem 2.....	34
4.3.3 Coletiva de imprensa.....	37
4.3.4 Comentário 1.....	43
4.3.5 Comentário 2.....	45
4.3.6 Comentário 3.....	47
4.3.7 Velório e sepultamento.....	47
4.3.8 A chuva em São Paulo.....	52
4.3.9 Repercussão.....	54
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
REFERÊNCIAS.....	60
ANEXOS.....	63

1 INTRODUÇÃO

A história da Escola Escola Raul Brasil, em Suzano, São Paulo, foi completamente marcada no dia 13 de março de 2019. Na manhã deste dia, dois ex-alunos entraram na escola e mataram seis estudantes e duas funcionárias do colégio. Para os investigadores da Polícia Civil a dupla buscava chamar atenção da mídia (EX-ALUNOS, 2019, s.p). Feito. Horas após o massacre, emissoras de TV posicionavam seus repórteres e cinegrafistas frente à escola, fotos dos atiradores e imagens do ataque ganharam sites de notícias. Programas de Jornalismo Policial dedicaram toda sua programação ao massacre.

É o caso do programa Brasil Urgente, da Rede Bandeirantes, criado em 2001 e apresentado atualmente por José Luiz Datena. O jornal dedicou alguns dias de sua programação para falar sobre o massacre. As investigações sobre o ataque, a perda das vítimas, a premeditação da tragédia, foram alguns dos principais pontos explorados pelo programa.

Coube a esta pesquisa, analisar através do método dialético, a complexidade do caso e as contradições apresentadas ao encontrar-se com normas éticas e características do gênero policial. Pretendeu-se levantar questionamentos sobre a cobertura em relação à finalidade do tipo de abordagem dada para tentar compreender se é possível que a forma como foi conduzida a notícia contribuiu para a ascensão de crimes semelhantes.

A escolha do tema parte de uma inquietação pessoal que foi crescendo ao observar e questionar o por quê da ascensão dos programas policiais e que foi aprimorada após o ingresso na Universidade, que permitiu o contato com conceitos teóricos como os critérios de noticiabilidade, a função social da profissão do jornalista, a espetacularização da notícia, entre outros.

As relevâncias sociais e acadêmicas da pesquisa se fundem em alguns aspectos, pois os programas televisivos tem grande abrangência e por isso, acabam refletindo de certa forma na sociedade e também são alvos de estudos da comunicação, por ser uma vertente do Jornalismo.

Estudar como a abordagem dos programas policiais pode impactar em seus telespectadores é um aspecto social importante, já que o jornalista faz parte da construção do imaginário daqueles que assistem e com isso, acaba trazendo consequências. Após o massacre em Suzano, por exemplo, várias outras escolas do Brasil inteiro receberam ameaças de atentado. Será que a notoriedade dada ao caso pela mídia contribuiu para essa situação? Será

que a depender da forma como um assunto é tratado pela mídia um problema social pode ser gerado ou inflamado?

É aí que surge também a relevância acadêmica da pesquisa, pois é preciso entender qual o papel do jornalista na sociedade, em especial na cobertura de tragédias. Compreender a linha tênue que vem sendo observada entre o trabalho responsável prestado pelo jornalista e a disputa mercadológica por audiência. Avaliar se o que é noticiado em rede nacional tem cumprido os valores éticos, responsáveis e, principalmente, se o que é noticiado atende aos critérios de noticiabilidade adequadamente, a fim de contribuir com debates relevantes sobre o assunto e contribuir com a formação de novos jornalistas. Além disso, a pesquisa trás um recorte novo, pois não foram encontrados ainda estudos acerca do massacre em Suzano, possivelmente por tratar-se de um fato que ocorreu recentemente.

A presente monografia foi dividida em três capítulos, os dois primeiros são teóricos e serviram para subsidiar a análise trazida no terceiro capítulo. No primeiro, “Alicerces da Notícia”, são abordados os conceitos de critérios de noticiabilidade e a ética no Jornalismo para compreender o processo de escolha do que vira notícia e também explicar as questões éticas que envolvem a profissão, além de apresentar artigos importantes do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, formulado pela Federação Nacional dos Jornalistas.

O segundo capítulo “O Jornalismo Policial no Programa Brasil Urgente” buscou explicar as principais características do gênero Jornalismo Policial para que fosse possível percebê-las na análise e também compreender o fenômeno do Jornalismo Policial que, no Brasil, teve sua ascensão após a década de 90. Além disso, um breve histórico e uma descrição do programa Brasil Urgente, objeto do estudo, foram feitos.

Já o último capítulo “A cobertura do massacre em Suzano: das contradições à historicidade” é onde foi feita uma análise descritiva, qualitativa e documental sobre a cobertura do dia seguinte ao massacre em Suzano, pois pressupõe-se que, no dia seguinte foi possível produzir conteúdo com tratamento jornalístico maior do que no dia do massacre, já que tratava-se de um factual. A pesquisa utilizou do método dialético para chegar às considerações, ou novas provocações, visto que o método permite um olhar totalizante da realidade considerando suas complexidades e contradições. Além disso, nas “Considerações Finais” são feitas últimas ponderações acerca da pesquisa, a fim de contribuir com reflexões sobre a função social do jornalista e sua responsabilidade ética, principalmente, nos programas policiais, também são apresentadas sugestões que possam desencadear estudos futuros.

2 ALICERCES DA NOTÍCIA

Ao trabalhar com análise de um produto jornalístico é necessário antes compreender quais são as bases da notícia, pois alguns aspectos são primordiais para a consolidação do ato de noticiar, como é o caso dos critérios de noticiabilidade que são utilizados para definir o que de fato é notícia. O outro ponto é a ética, pois o ato de noticiar algo é carregado de responsabilidades éticas, morais e sociais. Este capítulo busca explicar estes dois pontos antes de aprofundar no Jornalismo Policial na TV e no programa Brasil Urgente.

2.1 Os critérios de noticiabilidade

Nem tudo que é fato é notícia. Para decidir o que é notícia, o jornalista analisa o fato mediante alguns critérios e aplica valor a ele para determinar sua importância, pois não é possível relatar todos os acontecimentos do dia-a-dia nos noticiários. Exatamente neste aspecto se destaca

A necessidade de se pensar sobre critérios de noticiabilidade surge diante da constatação prática de que não há espaço nos veículos informativos para a publicação ou veiculação da infinidade de acontecimentos que ocorrem no dia-a-dia. Frente a volume tão grande de matéria-prima, é preciso estratificar para escolher qual acontecimento é mais merecedor de adquirir existência pública como notícia. (SILVA, 2005, p. 97)

Ainda que existam teóricos que abordem a temática e listem os principais critérios (WOLF, 2003; TRAQUINA, 2001; KUNCZIK, 2001; LAGE, 2001) existentes/utilizados, tais critérios variam para cada jornalista e/ou redação. Assim, ao longo dos anos foram propostos critérios de noticiabilidade diversos. Schudson ao discorrer acerca da temática afirma que,

a criação das notícias é sempre uma interação de repórter, diretor, editor, estrangimentos da organização da sala de redação, necessidade de manter os laços com as fontes, os desejos da audiência, as poderosas convenções culturais e literárias dentro das quais os jornalistas frequentemente operam se as pensar. (apud CORREIA, 1997, p.133).

Silva (2005, p.97) traz a compreensão de Nelson Traquina (2001) referente às notícias, para o autor elas são resultado de um processo de produção definido como a percepção, a seleção e a transformação de uma matéria-prima em um produto (SILVA, 2005, p.94). Traquina cita Robert Hackett para explicar que este produto resulta de características tecnológicas de cada meio noticioso, logísticas de produção jornalística, imperativos comerciais, retraimentos orçamentais, inibições legais, disponibilidade de informação das

fontes, necessidade de narrar o fato de modo inteligível e atraente, para um determinado público (TRAQUINA, 2001, p. 63).

Gislene Silva (2005), por sua vez, propõe uma sistematização dos critérios de noticiabilidade em três instâncias, que permite compreender o processo de análise da notícia, quais sejam:

1) critérios de noticiabilidade na origem dos fatos (seleção primária dos fatos / valores-notícia), considerando atributos próprios ou características típicas, que são reconhecidos por diferentes profissionais e veículos da imprensa (como conflito, curiosidade, tragédia, proximidade etc);

2) critérios de noticiabilidade no tratamento dos fatos, entrando-se na seleção hierárquica dos fatos e levando-se em conta, para além dos valores-notícia dos fatos escolhidos, fatores inseridos dentro da organização, como formato do produto, qualidade do material jornalístico apurado (texto e imagem), prazo de fechamento, infra-estrutura, tecnologia etc, como também fatores extra-organizacionais direta e intrinsecamente vinculados ao exercício da atividade jornalística, como relações do repórter com fontes e públicos; e

3) critérios de noticiabilidade na visão dos fatos, a partir de fundamentos éticos, filosóficos e epistemológicos do jornalismo, compreendendo conceitos de verdade, objetividade, interesse público, imparcialidade que orientam inclusive as ações e intenções das instâncias ou eixos anteriores. (SILVA, 2005, p 96)

A partir dessa visão cabe afirmar que na comunicação, entende-se, então, que as notícias são socialmente construídas. Autores como Stuart Hall também abordam a temática e consideram os valores-notícia como um mapa cultural, John Hartley, por sua vez, afirma que “eles formam um código que vê o mundo de uma forma muito particular (peculiar até). Os valores-notícia são, de fato, um código ideológico” (apud TRAQUINA, 2001, p.115-116).

O fato da construção e apresentação da notícia estar relacionado com este “código ideológico” esbarra na abordagem ética da profissão. Principalmente porque autores como Marcondes Filho (2000) acredita que, nos últimos tempos, a notícia passou a ser tratada como mercadoria, causando uma espetacularização da notícia. O autor afirma que

Dentro dessa mesma nova orientação do jornalismo, assuntos associados ao curioso, ao insólito, ao imagneticamente impressionante ganham mais espaço no noticiário, que deixa de ser “informar-se sobre o mundo” para ser “surpreender-se com as pessoas e coisas”. (MARCONDES FILHO, 2000, p.31).

Dessa forma, visando audiência e conseqüentemente lucro, acontece de jornalistas ignorarem a ética, tema a ser explorado no subcapítulo a seguir.

2.2 A ética no jornalismo

Ainda que ética e moral sejam entendidos erroneamente como sinônimos os termos não significam a mesma coisa. Etimologicamente a palavra “ética” teve sua origem no grego *ethos*, que significa modo de ser, costume ou hábito. Trata-se, portanto, do “conjunto de princípios, valores e normas morais e de conduta de um indivíduo ou de grupo social ou de uma sociedade” (MICHAELIS, 2019, online).

É provável que os conceitos relacionados à ética tenham surgido pela convivência do ser humano em sociedade. De acordo com Portal Educação, mantido pela UOL, do grupo Folha, “a ética é a ciência da conduta humana, a teoria do comportamento moral das pessoas na sociedade. Ela busca a compreensão racional das ações ou atitudes dos homens.” (ÉTICA, 2019, online). Além disso, a ética pode ser algo subjetivo e variável, uma vez que há estudos diversos sobre a ética e conceitos relacionados a ela como a moral, idealizados por grandes filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, Kant e também por autores pós-modernos como Habermas, Jeremy Bentham e John Rawls.

Na contemporaneidade, o termo “ética profissional” foi inserido nos contextos de trabalho. A profissão de jornalista também traz, diariamente, dilemas éticos, como ressalta Carvalho (2019, p.74), quando apresenta alguns exemplos acerca do conceito:

Devo ou não divulgar a fotografia de um corpo dilacerado? Se essa morte ocorreu em um acidente automobilístico, por exemplo, o conflito é fácil. Não existe a necessidade de expor essa foto nas páginas do jornal ou no portal da internet, expondo desnecessariamente a vítima e lavando angústia à família. Mas, e as imagens das montanhas de cadáveres produzidos por uma guerra, devem ser divulgadas ou não? Em caso afirmativo, podem advir acusações de sensacionalismo. Porém, se deixando de publicar, não estaria o jornal escondendo os horrores de uma guerra, mostrando o conflito apenas como um passeio de homens fardados entre tanques e veículos militares e balas traçantes cruzando o ar como se fosse um jogo de vídeo game?

Tais paradoxos éticos são presentes nas redações de jornalismo sempre que há casos que envolvem violência, há uma linha tênue entre exposição exagerada do fato e a abordagem que tem por finalidade denunciar, problematizar e/conscientizar. Em casos de comoção nacional, como o massacre em Suzano, objeto de estudo desta pesquisa, a presença destes dilemas é inevitável. Até que ponto falar sobre a dupla que cometeu o ataque não dá notoriedade para os mesmos? Até que ponto as imagens do massacre e do velório das vítimas não é invasivo e desrespeitoso?

A partir de certos dilemas éticos e da rotina de trabalho do jornalista, Carvalho (2019), fala sobre a grande responsabilidade do profissional:

O jornalista pode estar em lugares em que o leitor não poderia estar, falar com pessoas que ele não tem oportunidade de conversar, ou mesmo investigar a vida alheia. Apesar desses “privilégios” (na verdade, prerrogativas sem as quais exercer o ofício seria impossível), o jornalismo é uma profissão como qualquer outra, guardadas as especificidades. Mas como decorrência de sua profissão, é o jornalista, em última instância, que decide o que deve ser publicado ou não, é ele quem ajuíza o conceito de “interesse público”. Porém, devido à grande responsabilidade que isso acarreta, ele tem de cuidar para aplicar conscientemente o método jornalístico, sob o compromisso inalienável do respeito à ética. Também deve lembrar sempre que a “sua primeira lealdade é com os cidadãos” (KOVACH, ROSENSTIEL, 2003, p.83 apud CARVALHO, 2019, p. 77).

A temática desde sempre foi extremamente relevante para a profissão do Jornalista, tanto que a Federação Nacional dos Jornalistas (Fenaj) estipulou, em 2007, um Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros que contém cinco capítulos referentes ao direito à informação, conduta profissional do jornalista, responsabilidade profissional do jornalista, relações profissionais e aplicação do código de ética. O artigo 4º do Capítulo II diz que, “o compromisso fundamental do jornalista é com a verdade no relato dos fatos, razão pela qual ele deve pautar seu trabalho pela precisa apuração e pela sua correta divulgação” (FENAJ, 2007).

Outros pontos importantes do Código de Ética explicam que

Capítulo II - Da conduta profissional do jornalista

Art. 6º É dever do jornalista:

VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;

XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias;

Art 7º O jornalista não pode:

V - usar o jornalismo para incitar a violência, a intolerância, o arbítrio e o crime;

Capítulo III - Da responsabilidade profissional do jornalista

Art. 10º A opinião manifestada em meios de informação deve ser exercida com responsabilidade.

Art. 11º O jornalista não pode divulgar informações:

II - de caráter mórbido, sensacionalista ou contrário aos valores humanos, especialmente em cobertura de crimes e acidentes; (FENAJ, 2007)

Na atualidade, algumas produções jornalísticas enfrentam embates com tais preceitos éticos, para Bernardo Kucinski (2005), atualmente existe um vazio ético nas redações, valores como a solidariedade e a compaixão tem perdido espaço para os interesses do capital e do

homem, fazendo com que valores *não-valores* como o ceticismo e o cinismo sejam priorizados.

Como visto no Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros o compromisso do jornalista deve ser, essencialmente, com a verdade dos fatos (FENAJ, 2007). Informações não ou mal apuradas acarretam em consequências de dimensões incalculáveis. Para Teodoro, “o jornalista deve se autopolicar, conter o ímpeto de sensacionalismo ou informação não confirmada, para não denegrir seu conceito” (TEODORO, 1980, p. 37).

Talvez o caso da Escola Base, de março de 1994, seja o erro mais conhecido no jornalismo brasileiro. No livro “Ética no Jornalismo”, de 2008, o jornalista Rogério Christofolletti, relembra que em março de 1994 duas mães foram à polícia denunciar que seus filhos de 4 anos teriam sofrido abusos na Escola de Educação Infantil Base, em São Paulo. “No dia seguinte, o delegado Edélcio Lemos dizia ter provas para indiciar os proprietários da escola e outros três envolvidos.” (CHRISTOFOLETTI, 2008, online). Então, rapidamente, os veículos de comunicação noticiaram o fato e, segundo Christofolletti, várias regras da profissão foram desrespeitadas: a versão policial foi aceita como definitiva, mesmo frente à insistente negação dos acusados; o noticiário teve apresentação desequilibrada, foi atribuído mais peso à acusação; abusaram da exploração do grotesco, de forma apelativa. A população revoltou-se, houve tentativa de linchamento e a escola foi depredada. Porém, passadas menos de duas semanas de investigação, os suspeitos foram liberados por falta de provas e as ordens de prisão foram revogadas, porém a consequência do erro veio. Ainda segundo Christofolletti:

A Escola Base nunca mais voltou a funcionar, e seus proprietários não puderam retomar suas carreiras. As dívidas se acumularam e vieram os danos físicos: um dos implicados sofreu três enfartes, sua esposa passou por tratamento psiquiátrico e nenhum deles escapou dos estigmas, as cicatrizes sociais. As vítimas entraram na Justiça contra o Estado e alguns veículos de comunicação. Tiveram ganhos de causas em instâncias inferiores, mas os muitos recursos empurram a possibilidade de uma indenização para um futuro cada vez mais distante. Em termos práticos, os seis envolvidos no caso da Escola Base morreram socialmente. Foram acusados injustamente, tiveram suas reputações arrasadas e sofreram danos morais e materiais. [...] A imprudência e a imperícia não são apenas falhas de ordem técnica. Elas também provocam consequências no terreno da ética. No caso da Escola Base, não ter feito um bom jornalismo causou prejuízos irreparáveis a algumas pessoas, desinformou a população de maneira geral e expôs feridas abertas da mídia. (CHRISTOFOLETTI, 2008, online)

No Jornalismo televisivo, o gênero Policial, é objeto de vasto estudo, pois, tendo como uma de suas principais características o sensacionalismo, esse gênero costuma noticiar casos complexos de tragédias esbarra nos dilemas éticos, e por vezes, ultrapassam seus limites.

3 O JORNALISMO POLICIAL NO PROGRAMA BRASIL URGENTE

Após discorrer, ainda que brevemente, acerca dos alicerces da notícia, o gênero Jornalismo Policial e suas origens na TV foram apresentados neste capítulo e explanou-se uma de suas principais características, o sensacionalismo, apresentando uma estrutura proposta por Romão (2013) acerca dos elementos característicos do gênero na TV.

Já no subtítulo seguinte, foi apresentado o programa televisivo Brasil Urgente desde sua formação e consolidação como grande representante do Jornalismo Policial no Brasil.

3.1 Jornalismo Policial e Sensacionalismo na TV

Desde sua origem, mas com crescimento de visibilidade na década de 90, a TV brasileira tem explorado notícias de violência urbana, como crimes, denúncias e acidentes. Este fenômeno tem como um de seus precursores o programa *Aqui Agora*, exibido pelo SBT de 1991 a 1997. O programa tinha como slogan a frase: “o jornal vibrante que mostra na TV a vida como ela é”¹ o que chamava atenção para o foco de realidade nas suas reportagens que abordavam crimes e explorava o uso da linguagem informal, o que fez com que o programa fugisse dos padrões tradicionais de telejornalismo na época. *Aqui Agora* chegou até noticiar um suicídio ao vivo². Um dos icônicos repórteres do programa foi Gil Gomes, falecido em 2018, ficou conhecido nacionalmente pela forma dramática e peculiar de conduzir suas matérias que tratavam de assuntos pesados e trágicos.

Depois do sucesso de *Aqui Agora*, vários programas do gênero foram lançados por diferentes emissoras como o *190 Urgente* e *Cadeia* (Rede Gazeta), *Na Rota do Crime* (Rede Manchete), *Repórter Cidadão* (Rede TV!), *Tempo Quente* (Rede Bandeirantes), *Cidade Alerta* (Rede Record), *Brasil Urgente* (Rede Bandeirantes) e o *Linha Direta* (Rede Globo), a crescente do gênero televisivo pôde ser observada na maioria das emissoras, possivelmente pelos índices de audiências dos programas. Tal fato evidencia a importância da temática e de pensar como ocorre a produção jornalística em tais programas conhecido como jornalismo policial.

¹ Disponível em https://youtu.be/bl6E_1HVom0 Acesso em 25 de novembro de 2019.

² No dia 5 de julho de 1993, Daniele Alves Lopes, de 16 anos, morreu ao se jogar do 7º andar de um prédio no centro de São Paulo. O suicídio foi filmado por uma equipe do SBT e exibido à noite no telejornal "Aqui Agora". No ano seguinte a Justiça condenou o SBT a pagar uma indenização de R\$1,05 milhões à família de Daniele. (Fonte: Folha de São Paulo. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/9/30/brasil/19.html> Acesso em 25 de novembro de 2019).

Para Amaral (1978, p.93), o Jornalismo Policial é “a especialidade jornalística que apresenta coberturas de fatos criminosos ocorridos na sociedade, transgressões de regras e acontecimentos estranhos, tendo como objetivo construir um serviço público para a população”. Porém, o Jornalismo Policial é, muitas vezes, considerado sensacionalista por teóricos e mesmo por telespectadores, talvez devido à exploração das notícias e imagens de crime e do sofrimento das vítimas, a fim atrair atenção do público. Segundo Aires e Rosenzweig (2015, p.3), “sensacionalismo é um estilo jornalístico caracterizado por intencional exagero da importância de um acontecimento, na divulgação e exploração de uma matéria, de modo a emocionar ou escandalizar o público”.

Outro ponto importante deste gênero é a linguagem, que é essencialmente mais informal, com a finalidade de criar uma proximidade com o telespectador. De acordo com Romão (2013, p.34), “trata-se de uma linguagem informal, muitas vezes se valendo de gírias, palavrões ou expressões coloquiais, que dão o tom de uma conversa direta com o telespectador”. Esse tipo de recurso é mais utilizado pelos apresentadores ao comentarem alguma matéria, nos programas policiais é bastante comum ouvir o apresentador xingar bandidos, reclamar do governo e trazer informações baseadas em senso comum, como é exemplificado na análise.

De acordo com Periago (2004) todo esse conjunto de características do jornalismo policial remete a uma espetacularização da notícia, o que faz com que ele esteja mais próximo de um entretenimento do que propriamente jornalismo. “A espetacularização da notícia policial, por meio de métodos extraídos do sensacionalismo, hiper-realismo e da dramaturgia, vulgariza a TV, diminui a credibilidade do jornalista e falseia o conteúdo do fato diante da realidade” (PERIAGO, 2004, p.5).

Para aprofundar nas características presentes no Jornalismo Policial, foi utilizada uma estrutura básica do gênero proposta por Romão (2013), ela é dividida em três categorias principais, o “sensacionalismo: a captura de atenção”, a “construção da credibilidade” e, por último a “visão de mundo apresentada pelo jornalismo policial”. Em cada categoria há elementos que as identificam.

Na primeira categoria o autor apresenta a Dramatização, caracterizada por elementos recorrentes na dramaturgia, como o uso das expressões orais e faciais e a identificação de heróis ou vilões. O “*Fait-diver*”, outro ponto que autor aponta na categoria do Sensacionalismo, é um termo francês para “fatos diversos”, que são notícias de caráter excêntrico ou absurdo e mesmo que rasas, despertam a curiosidade nos telespectadores. Ainda na categoria do Sensacionalismo, está presente a Abordagem Superficial o autor atenta para

os clichês e as visões simplistas que o Jornalismo Policial costuma abordar, deixando de lado discussões aprofundadas sobre os temas tratados. Outro ponto é a Ênfase nas imagens, onde o autor indica uma exploração maior deste recurso no Jornalismo Policial do que em programas televisivos no geral. Outra subcategoria é a Violência, tragicidade, sofrimento e dor, nela o autor fala da ênfase dada aos temas de crimes, assassinatos etc., além da exploração do sofrimento das vítimas entrevistadas. Há também o recurso da Produção de proximidade, é aqui que se encaixa a participação popular através das enquetes e entrevistas, a utilização de linguagem coloquial e de expressões populares também trazem a sensação de aproximação do telespectador com o discurso do programa. O autor também aponta na categoria do Sensacionalismo as Figuras de linguagens usadas nos programas do gênero policial, segundo ele, há muitas metáforas e ironias nos enunciados, na tentativa de deixá-los mais atraentes e persuasivos. A última subcategoria demonstrada é a Velocidade e fragmentação, onde o autor aborda o ritmo acelerado dos programas, a quantidade de imagens exploradas, os sons (músicas ruídos e falas misturadas de repórteres e apresentadores) e “encadeamento desordenado das notícias”, que causam uma sensação de hipnose no telespectador que é a todo tempo estimulado (ROMÃO, 2013, p.42-43).

A segunda categoria é a Construção de Credibilidade, o autor apresenta o Hiper-realismo, caracterizado pelo exagero da realidade, recurso que está atrelado ao sensacionalismo. A segunda subcategoria é o Depoimento de autoridades, que tem o objetivo de fundamentar o posicionamento apresentado nos programas. A terceira é também a Produção da proximidade, que estava presente na categoria anterior, já que o Jornalismo Policial tem o discurso de ser o representante do povo, é possível que os telespectadores confiem mais na versão dos fatos trazida por esses programas. A outra subcategoria é o Tom do discurso e postura do apresentador, que é muito característica, pois a forma com que o apresentador discute firmemente, o transforma numa figura “inquestionável e defensora incontestada da Justiça” (ROMÃO, 2013, p.43-44).

Na última categoria Visão de Mundo Apresentada pelo Jornalismo Policial, o autor identifica duas subcategorias. A Realidade hostil, que segundo o autor, fomenta a sensação de insegurança e medo e é baseada num discurso muito simplista que trata as questões sociais como questões morais e individuais. E por fim, a subcategoria A solução: justiça, punição e agressividade, onde o autor identifica no Jornalismo Policial uma extrema necessidade de vingança contra os criminosos, que “violentam as ‘pessoas de bem’” (ROMÃO, 2013, p.44-45).

3.2 Brasil Urgente: um pouco de sua história

Brasil Urgente é produzido pela Central de Jornalismo da Band, localizada na cidade de São Paulo. No site da emissora, na aba da programação há uma descrição do produto:

Sempre ao lado do cidadão, o programa traz os principais acontecimentos do dia nas áreas de segurança, saúde, trânsito, trabalho e comportamento. E quando o assunto exige também fala de política e esporte. O público participa através das enquetes e das ações nas redes sociais. (PROGRAMAÇÃO, 2019, online)

A estreia do Brasil Urgente em 2001 ocorreu sob a condução do jornalista Roberto Cabrini³. Em março de 2003 o apresentador José Luiz Datena assumiu o programa e, após algumas idas e vindas, está como apresentador titular desde dezembro de 2018. Em sua estreia, o âncora alcançou o segundo lugar do Ibope e atingiu uma média de 9 pontos e um pico de 11 pontos de audiência. (DATENA, 2003, online). Datena, como popularmente é chamado o apresentador, é conhecido por seus comentários fortes e dramáticos sobre os assuntos, geralmente policiais, tratados no programa.

Acerca do público do programa, conforme levantamento de Lugão (2010) 55% dos telespectadores do Brasil Urgente são mulheres e 45% são homens. A classe predominante do público é a C, que representa 52% da audiência, seguido das classes A e B, com 33%; e D e E, com 14%. A pesquisa também aponta que as pessoas acima de 50 anos de idade representam 50% da audiência, as de 35 a 49 anos, 22%; de 25 a 34 anos, 13%; de 18 a 24 anos, 6%; de 12 a 17 anos, 4%; e dos 4 aos 11 anos, 5%.

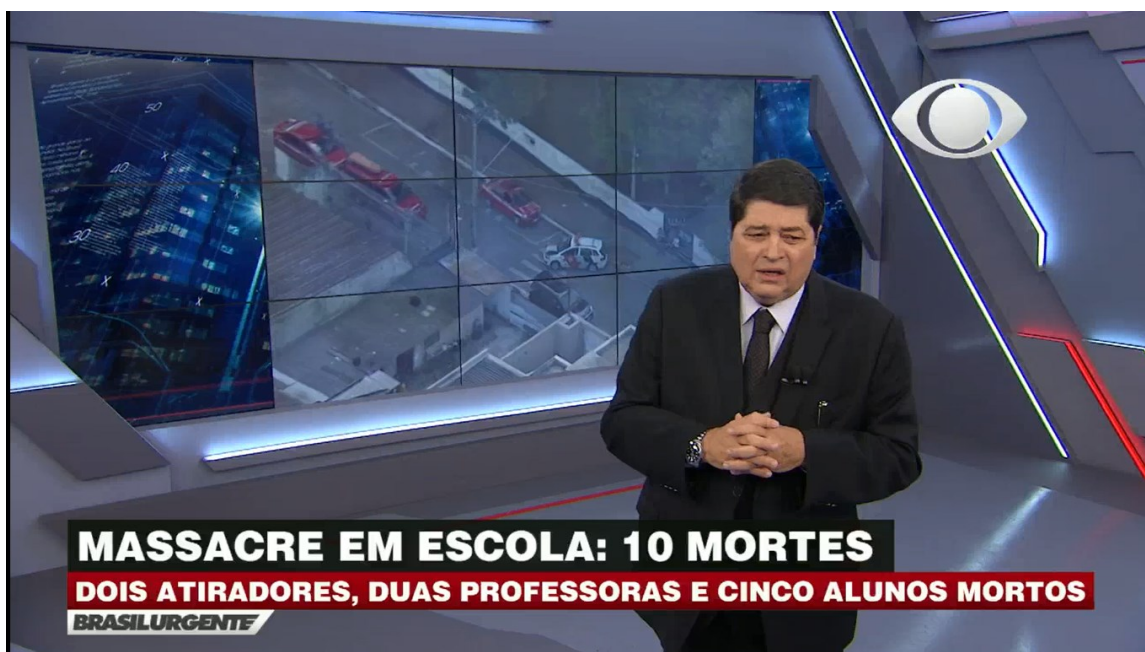
O programa é exibido de segunda a sábado no horário de 16h as 19h20. As cores do logotipo são azuis e vermelhas lembrando as cores de sirene da polícia, também há luzes de prédios ao fundo remetendo ao fim de tarde. A trilha sonora da vinheta conota aventura, suspense, com batidas em volume alto.

O cenário do programa não possui muitos objetos, exceto o grande monitor que fica ao fundo, onde são projetadas a logo do programa, as matérias e links ao vivo. As paredes contam com um design moderno e iluminado com luzes de LED, as cores predominantes são cinza, azul e vermelho/alaranjado, lembrando as cores de sirene. O figurino do apresentador é

³ Roberto Cabrini: repórter desde os 17 anos, Cabrini, atuou aos 22 como correspondente internacional da Rede Globo, na Copa do Mundo de 1982, na Espanha. Já passou pelas emissoras de TV mais conhecidas do país, fazendo grandes trabalhos na área de esportes e jornalismo investigativo, a exemplo de quando – trabalhando na Rede Globo – com exclusividade, conseguiu localizar e realizar duas entrevistas com PC Farias, tesoureiro da campanha de Fernando Collor de Melo, que estava foragido. (Fonte: NASCIMENTO; BEZERRA, 2016, p.11)

basicamente o mesmo todos os dias: terno e gravata, os acessórios são um relógio e uma caneta no bolso. Como é característico dos programas de TV policiais, Datena apresenta o programa de pé, os enquadramentos predominantes da câmara são planos aberto e médio, recurso de zoom também é explorado. O apresentador movimenta-se pelo estúdio, aproxima das câmeras, afasta, gesticula bastante e por vezes vira-se para o monitor para acompanhar o que está sendo transmitido, assumindo uma posição de telespectador também.

Figura 1 – Cenário e posicionamento do apresentador no Programa Brasil Urgente



Fonte: Pesquisa documental da programação

O programa é transmitido ao vivo do estúdio, Datena apresenta as matérias gravadas e geralmente as comenta no final, há muita participação ao vivo dos repórteres e também de entrevistados, outro recurso bastante utilizado pelo Brasil Urgente são as imagens aéreas capturadas por helicóptero, em que são exibidos acontecimentos factuais, como enchentes, acidentes de trânsito e até perseguições policiais. Além disso, o Brasil Urgente utiliza o fato de ser um programa ao vivo para interagir com o público, que pode participar através de enquetes e de ações nas redes sociais do programa, geralmente em forma de comentários que são lidos durante sua exibição.

A linguagem usada nas reportagens é bastante descritiva, atentando-se a explorar a história, os fatos e, também, o sofrimento relacionado com o que está sendo noticiado. Geralmente, no programa, os principais assuntos são acontecimentos da cidade de São Paulo e de outras cidades paulistas, fatos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro também tem espaço

notório no programa, a depender do assunto há presença de matérias de outros estados e até internacionais. O apresentador explora em seus discursos o gênero opinativo, usa um tom agressivo e de revolta, também costuma sempre julgar os assuntos apresentados, são os comentários de Datena que mais preenchem o tempo de programa.

Em eventos de comoção nacional o programa costuma tratar praticamente todo o seu conteúdo sobre o fato, como aconteceu no “caso Eloá”, o sequestro mais longo em cárcere privado já registrado pela Polícia do Estado de São Paulo. De acordo com o Metro Jornal (PROIETI; BRITO, 2018, s.p), Eloá Cristina Pimentel, 15 anos, foi mantida como refém durante cinco dias pelo ex-namorado, Lindemberg Alves Fernandes, em um apartamento em Santo André, região metropolitana de São Paulo. Segundo o Metro, o sequestro teve início no dia 13 de outubro de 2008 e seu desfecho foi no dia 17 de outubro, quando a polícia invadiu o cativeiro. Ainda de acordo com o jornal, Eloá e a amiga Nayara Rodrigues, que também foi mantida em cativeiro, foram baleadas por Lindemberg após a invasão policial. Eloá acabou falecendo, Nayara sobreviveu e Lindemberg continua preso. (PROIETI; BRITO, 2018, s.p). A postura da mídia foi bastante criticada, pois durante o sequestro, emissoras de TV cobriram a situação ao vivo e até falaram com o sequestrador por telefone (PROIETI; BRITO, 2018, s.p). O Brasil Urgente explorou o caso durante a programação, porém não chegou a ligar para Lindemberg ao vivo, aliás, o apresentador Datena criticou duramente ao vivo os jornalistas que cometeram esse ato, acusando-os de atrapalhar a polícia.⁴ Todavia, Datena pediu para que Lindemberg acendesse e apagasse a luz do apartamento em sinal de que concordava com o que Datena falava em seu programa (SAMPAIO, 2010, p. 9).

No caso do massacre em Suzano, objeto desta análise, o programa Brasil Urgente também dedicou basicamente todo o tempo de programação para cobrir o caso, tanto no dia do massacre, 13 de março de 2019, como no dia seguinte ao fato, trazendo as repercussões do atentado, como reportagens especiais sobre as vítimas, o velório coletivo e o sepultamento das mesmas, reportagens sobre os atiradores e informações da polícia sobre a investigação do caso.

⁴ Disponível em <https://youtu.be/3NBohhUYQG4> Acesso em 25 de novembro de 2019.

4 A COBERTURA DO MASSACRE EM SUZANO: DAS CONTRADIÇÕES À HISTORICIDADE

4.1 Procedimentos metodológicos adotados

A temática da pesquisa está relacionada com o jornalismo policial, mais especificamente relacionado com a cobertura do Programa Brasil Urgente, que constitui o universo da pesquisa. A delimitação do trabalho se insere na cobertura realizada pelo programa *Brasil Urgente* acerca do massacre acontecido na escola Raul Brasil, em Suzano (SP), no dia 13 de março de 2019.

A pesquisa teve como amostra desse universo (toda a cobertura acerca do massacre) apenas o programa do dia seguinte ao massacre, 14 de março de 2019, pois partiu-se do pressuposto que as reportagens foram submetidas a tratamento jornalístico, já que no primeiro dia de cobertura, por se tratar de uma situação factual com forte componente emocional, por se tratar de uma tragédia, alguns eventos e desdobramentos iam acontecendo ao vivo. Pretendeu-se observar a construção do programa, das reportagens acerca do massacre e a condução jornalística do apresentador.

Trata-se, portanto, de uma pesquisa documental, pois o objeto de estudo foi a filmagem do programa, que foi previamente solicitada por telefone à equipe de Jornalismo da TV Bandeirantes e recebida através de e-mail, visto que o conteúdo não está disponível na íntegra na internet, inclusive, o conteúdo recebido não foi editado, portanto, alguns bastidores do programa aparecem, mas sem áudio. A pesquisa também é laboratorial, pois os documentos, vídeos acerca da cobertura, foram tratados em espaço da pesquisa, ou seja, não foi necessário ir à campo para realizar a cobertura ou coleta do material. A natureza da pesquisa é qualitativa, pois o processo e o significado são os principais focos, os dados coletados são descritivos, além disso, a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, isto é, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números. (PRODANOV; FREITAS, 2013)

A partir da coleta do material completo, acerca do ocorrido em Suzano no dia 13 de março de 2019, e da seleção do que receberia tratamento mais detalhado para análise, o método aplicado neste estudo foi o dialético, considerando todo o contexto histórico e social, além das contradições presentes no objeto de estudo da pesquisa. Trata-se da descrição do tratamento midiático ao ocorrido considerando, também, toda a dinâmica e variáveis

relacionadas com uma situação que embora não seja recorrente no país, tem se tornado mais comum na contemporaneidade. Tal abordagem se justifica pelo fato de que

[...] a realidade é um todo dinâmico, em permanente desenvolvimento, em unidade de contrários, cujo conhecimento é um processo de conquistas de verdades relativas como parte de uma verdade única e absoluta. Metodologicamente, a dialética é o estudo da oposição das coisas entre si (MINAYO, 2008, p.94).

A seleção pelo método dialético se justifica por suas características de buscar “interpretar a realidade partindo do pressuposto de que todos os fenômenos apresentam características contraditórias organicamente unidas e indissolúveis.”. (PRODANOV; FREITAS, 2013, P. 34). Portanto, o método permite apontar as contradições presentes na cobertura do massacre em Suzano tratando-o como um caso complexo.

Como o objetivo da pesquisa foi avaliar se o tratamento jornalístico do Brasil Urgente dado à cobertura do massacre em Suzano cumpriu os preceitos éticos e se, de certa forma, pode ter contribuído, mesmo que involuntariamente, para fazer apologia a crimes semelhantes, foi preciso levar em consideração, ao refletir, o contexto, a historicidade, as interações e conexões que acometem este objeto de estudo, visto que, neste método o conhecimento não pode ser tratado como algo rígido, já que tudo no mundo está sempre em constante mudança. De acordo com Gil (2008),

[...] a dialética fornece as bases para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, uma vez que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais etc. (GIL, 2008, p. 14)

Além disso, o conceito de dialética foi usado na antiguidade por Platão como arte do diálogo (PRODANOV; FREITAS, 2013, P. 34) e um produto jornalístico traz um permanente diálogo entre quem produz e quem recebe a notícia

O produto jornalístico é um permanente diálogo entre os diferentes interlocutores envolvidos na sua produção ou na sua recepção, mesmo que ocorram situações de desigualdade na interlocução. Estar em diálogo não significa apenas o momento da fala, mas também da troca de expectativas e intenções entre interlocutores: a atividade jornalística produz expectativas e intenções para um público e, ao mesmo tempo, deixa-se influenciar por ele para se adequar a seus interesses (FRANCISCATO, 2002, p.3).

A seguir, para subsidiar as análises é necessário apresentar um breve relato sobre o que houve na escola Raul Brasil no dia 13 de março de 2019, para que a análise dialética da cobertura sobre o fato feita pelo Brasil Urgente seja realizada posteriormente.

4.2 O massacre de Suzano: breve relato

Para expor os fatos de como o massacre em Suzano aconteceu foi utilizado como fonte a versão online do Jornal Folha de São Paulo (EX-ALUNOS, 2019) por se tratar de um veículo de comunicação de grande circulação nacional - a Folha de São Paulo lidera a circulação de jornais de circulação online e impressa, com 332.415 exemplares diários, de acordo com dados divulgados em março deste ano pelo Instituto Verificador de Comunicação (CRESCIMENTO, 2019) - e que apresentou a narrativa de forma clara e com o maior número de informações encontradas em comparação com outros jornais de conteúdo online gratuito.

Segundo o jornal, na manhã do dia 13 de março de 2019, na cidade de Suzano, região metropolitana de São Paulo, dois ex-estudantes da Escola Estadual Professor Raul Brasil planejaram e executaram o assassinato de ex-colegas e funcionárias da escola usando revólveres, carregadores, uma besta (arma medieval) e uma machadinha. Oito pessoas morreram, além dos atiradores.

De acordo com a matéria, os ex-estudantes identificados como Luiz Henrique de Castro, 25 anos, e Guilherme Tauci Monteiro, 17 anos, foram a um lava-jato às 9h30 da manhã e atiraram no proprietário, que era tio de Guilherme e que, supostamente, teria descoberto o plano do ataque à escola arquitetado pela dupla. Depois eles, então, entraram em um carro alugado, um ônix branco, que aparece em imagens da câmera de vigilância da rua.

Em seguida, ainda segundo a Folha, os dois foram com o veículo até a escola, na mesma rua do lava-jato e chegaram por volta de 9h40. Um vídeo da câmera de segurança de dentro da escola mostrou que o primeiro a entrar foi Guilherme, ele estava vestido de preto, usava um lenço com estampa de caveira e uma mochila, ele sacou a arma e disparou contra um grupo de alunos, uma coordenadora pedagógica e uma inspetora do colégio. Depois, ele foi até o pátio, onde alunos do ensino médio encontravam-se na hora do intervalo.

Menos de um minuto depois, as câmeras registraram a entrada de Luiz Henrique, que colocou as armas no chão, pegou a machadinha e acertou alguns alunos. Quando o grupo de estudantes que estava no pátio se deparou com Guilherme, tentaram correr para a entrada da escola, onde encontraram Luiz Henrique, que golpeou alguns alunos com a machadinha, arma que só deixou de ser usada quando, ao atingir um aluno, ficou cravada no ombro do garoto que mesmo assim conseguiu correr para um hospital a 300 metros da escola. (EX-ALUNOS, 2019)

De acordo com a Folha de São Paulo, outra câmera de vigilância da rua da escola flagrou os alunos pulando o muro da unidade para fugirem do ataque da dupla. A Polícia

Militar chegou ao local oito minutos depois, pois já havia sido chamada para atender a primeira ocorrência no lava-jato, onde o tio de Guilherme foi baleado, os militares estavam em busca dos assassinos no veículo ônix branco relatado pelas testemunhas.

Ao entrarem na escola, os policiais, segundo a matéria, ouviram os disparos e avistaram os atiradores em frente a uma sala onde funciona a central de línguas, cerca de 25 alunos estavam lá dentro. Quando Guilherme e Luiz Henrique viram a polícia, correram para um corredor, Guilherme atirou na cabeça de Luiz Henrique e em seguida suicidou.

De acordo com o secretário de Segurança Pública de São Paulo, João Camilo Pires de Campos, em depoimento à Folha, oito pessoas foram mortas pela dupla. Jorge Antônio de Moares, empresário e tio de Guilherme, os alunos Kaio Lucas da Costa Limeira, Cleiton Antônio Ribeiro, Caio Oliveira, Samuel Malquíades Silva e Douglas Murilo Celestino, a coordenadora Marilena Ferreira Umezu e a inspetora de ensino Eliana Regina de Oliveira Xavier.

A polícia informou ao jornal Folha de São Paulo que os ex-alunos planejavam o ataque há pelo menos um ano e meio, os dois conversavam sobre o ataque por meio de mensagens de texto. E que as armas utilizadas no crime foram compradas por Guilherme, o valor das compras e onde foram feitas é investigado pela polícia. A Localiza, locadora de veículos, informou, por meio de nota à Folha que o carro, um ônix branco, foi alugado por Luiz Henrique no dia 21 de fevereiro de 2019 e a devolução estava prevista para o dia 15 de março.

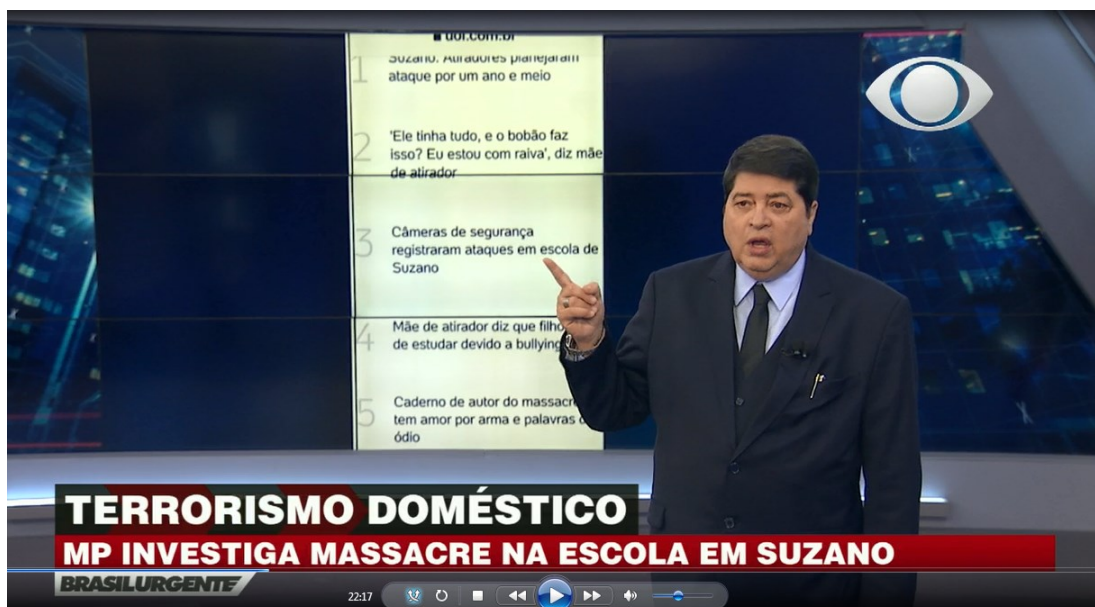
O caso ganhou bastante repercussão nacional pelos veículos de comunicação. Uma delas foi a Rede Bandeirantes que dedicou todo o conteúdo de um dos programas de sua grade, o Brasil Urgente, para cobrir a tragédia, objeto de análise desta pesquisa.

4.3 Uma análise dialética do dia seguinte ao massacre no Brasil Urgente

É importante ressaltar que o dia seguinte ao massacre foi escolhido, pois partiu-se do pressuposto que o conteúdo do programa neste dia passou por um tratamento jornalístico maior do que no dia anterior, dia em que o massacre ocorreu e muito do conteúdo se deu ao vivo. Neste raciocínio, levou-se em consideração o que foi apresentado anteriormente no capítulo dois, sobre critérios de noticiabilidade, em que Silva (2005, p. 97) traz o processo de produção da notícia passa pelas fases de percepção, seleção e transformação da matéria-prima em um produto.

Um ponto do programa Brasil Urgente que contribui para a suposição de que no dia seguinte o conteúdo passou por um tratamento maior foi a decisão que o programa tomou de não exibir o vídeo das câmeras de segurança de dentro da escola que mostram o momento do ataque, como havia sido veiculado no dia anterior. No início do programa o apresentador Datena mostra na tela de fundo as manchetes das notícias mais lidas do Portal Uol, que, segundo ele, retransmite o conteúdo do programa, e uma dessas notícias mais lidas era sobre as imagens das câmeras de segurança da escola. O apresentador comenta: “Nós tomamos a liberdade, com uma decisão editorial, de não repetir esse vídeo que é muito forte. Ontem no calor do programa nós demos o vídeo porque é muita adrenalina e tal, mas não dá pra repetir não porque ele é muito pesado mesmo. Mas ele rodou no site Uol até agora há pouco, não é verdade? É um massacre terrível... O pessoal da edição que fez um trabalho muito bom dentro da medida do possível porque o vídeo tinha acabado de chegar, evitando cenas mais violentas e tal, mas mesmo assim o vídeo é pesado, reconheço que é pesado e nós não vamos mais rodar o vídeo não, mas no site Uol é a terceira notícia mais lida dentre todas as notícias que tinham.”

Figura 2 – Datena aponta para as notícias mais lidas do portal Uol



Fonte: Pesquisa documental da programação

De posse do material e ao assistir mais de uma vez o programa foi possível separar fragmentos que merecem maior aprofundamento como o caso de reportagens que focam na atuação dos autores no massacre, com elementos que narram como a dupla agiu, de que forma

eles premeditaram o crime e o executaram. Os fragmentos analisados não estão em ordem cronológica do programa, mas sim de relevância para a pesquisa.⁵

Seguindo a mesma temática que foi abordada nestas reportagens, foi analisada a cobertura ao vivo da coletiva de imprensa com a Polícia Civil do Estado de São Paulo que explicou como os atiradores agiram e deram informações sobre a investigação, além dos comentários do apresentador sobre a coletiva e a entrevista do mesmo com o delegado de Polícia Civil.

O tempo do programa foi basicamente preenchido com os comentários de Datena acerca do que é apresentado em entrevistas, links ao vivo e reportagens, alguns deles merecem destaque nesta análise com base nas descrições teóricas apresentadas nos capítulos anteriores, pois Datena faz xingamentos, reforça a questão da insegurança e até mesmo usa argumentos relacionados à religião para comentar o fato enquanto uma imagem do enterro é exibida com um arco-íris ao fundo. Outro comentário analisado é sobre o momento em que o apresentador apressa o repórter que está ao vivo porque o programa tem “contrato comercial” a ser cumprido.

Além disso, outros fragmentos do programa que merecem destaque são as entradas ao vivo dos repórteres durante o velório e sepultamento das vítimas, onde imagens de adolescentes em prantos são repetidas por diversas vezes.

E por fim, outro ponto mencionado na análise é a alternância de conteúdo que o programa explorou, pois além do massacre e seus desdobramentos, o jornal apresentava ao vivo a situação da chuva na cidade de São Paulo. Imagens de helicóptero foram usadas e um especialista também entrava ao vivo por telefone para falar do temporal. O apresentador chega a comparar, em determinado momento, a tragédia em Suzano com uma possível tragédia que a chuva poderia causar.

Durante a programação três reportagens foram feitas para falar especificamente da vida dos assassinos e da forma como agiram em relação ao crime. Serão analisadas duas delas, uma mais completa que foca na premeditação do massacre e outra que fala sobre a investigação do caso, a terceira foca na vida da dupla, mostra as casas onde eles moravam e há entrevistas com quem fala sobre o comportamento deles, essa última não será descrita em forma de roteiro.

⁵ Conforme a pesquisa documental, o programa também apresentou conteúdo, em forma de reportagens, sobre as vítimas do massacre e sobre a comoção dos vizinhos e moradores de Suzano, porém, não serão tratadas nesta pesquisa, visto que não é possível realizar toda a análise do programa em tempo hábil e porque o conteúdo foge um pouco do objetivo da pesquisa.

4.3.1 Reportagem 1

A primeira reportagem sobre os assassinos começa no minuto 6:57 do Vídeo 03 (ver anexo) e será descrita abaixo.

Quadro 1 – Roteiro da Reportagem 1

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
Datena aparece em pé enquanto as imagens da tela de fundo mostram o céu nublado em São Paulo.	VIVO	JOSÉ LUIZ DATENA: OLHA, FATOS QUE COMPROVAM O ATAQUE À ESCOLA... O ATAQUE NA ESCOLA FOI PREMEDITADO DE UMA MANEIRA DEFINITIVA. VAMOS VER A REPORTAGEM QUE JÁ ESTÁ NO PONTO AÍ, ENQUANTO VOCÊ TEM IMAGEM DO ÚLTIMO CORTEJO CHEGANDO AO CEMITÉRIO SÃO SEBASTIÃO, NA TELA DA BAND.
As imagens da tela de fundo mostram o cortejo ao vivo.		
O nome e as fotos dos assassinos aparecem.	VT	OFF [LUCAS MARTINS]: MAIS DE UM ANO DE PLANEJAMENTO. PRIMEIRO, CONVERSAS VAGAS, DEPOIS COMPRAS DE ARMAS, ALUGUEL DE CARRO ATÉ A EXECUÇÃO DO PLANO.
Imagens mostram as armas recolhidas pela polícia.		GUILHERME E LUIZ HENRIQUE BUSCARAM INFORMAÇÕES NA CHAMADA INTERNET PROFUNDA.
Imagens do circuito de segurança do lado de fora da escola que mostra os assassinos chegando no carro alugado.		NESTA POSTAGEM ATRIBUÍDA AO GUILHERME, ELE AGRADECE AO ADMINISTRADOR DE UM FÓRUM EXTREMISTA CHAMADO DPR, DIZ
Novamente fotos dos assassinos.		
Print da postagem no fórum da <i>deep web</i> . ⁶		

⁶*Deep web*: Internet Profunda, em tradução livre, é uma área da Internet que fica "escondida" e tem pouca regulamentação. Ela não pode ser acessada por meio de pesquisas em buscadores, como o *Google* ou *Bing* e também não é acessada digitando um endereço em um navegador comum (*Chrome*, *Firefox*, *Explorer* etc). Justamente pela dificuldade de acesso, é usada para o compartilhamento de conteúdo ilegal. (Fonte: Tech Tudo)

Imagens do documentário “Zero Hour” que reconta o atentado em Columbine.⁷ Em outro quadro menor no canto inferior direito as imagens do cortejo ao vivo. Passagem do repórter na rua.		QUE ESPERA NÃO COMETER ESTE ATO EM VÃO E DIZ “NASCEMOS FALHOS, MAS PARTIREMOS COMO HERÓIS”. EM OUTRO TRECHO CHAMA O ADMINISTRADOR DE MENTOR E DIZ QUE A POSTAGEM DE UMA MÚSICA VAI SER O SINAL DE QUE O MASSACRE SERÁ CONSUMADO. A MÚSICA É ESSA, ACOMPANHADA DE UM CLIPE QUE FALA JUSTAMENTE DE UM MASSACRE COMO O DE SUZANO. SOBE SOM DA MÚSICA “PUMPED UP KICKS” DA BANDA “FOSTER THE PEOPLE” OFF [LUIZ MARTINS]: A POSTAGEM FOI FEITA NA MADRUGADA DE SEGUNDA-FEIRA E INDICAVA QUE O PLANO SERIA COLOCADO EM PRÁTICA. O SITE NÃO ESTÁ ACESSÍVEL A QUALQUER PESSOA, ESTÁ NA CHAMADA INTERNET PROFUNDA E GARANTE O ANONIMATO. O ADMINISTRADOR CHEGOU A POSTAR QUE APAGOU TODAS AS CONVERSAS COM OS ASSASSINOS DA ESCOLA RAUL BRASIL PARA ELAS NÃO
---	--	---

⁷ Atentado em Columbine: Eric Harris, de 18 anos, e Dylan Klebold, de 17, atiraram contra estudantes e professores da Columbine High School, em Colorado, nos Estados Unidos, em 20 de abril de 1999. Usando máscaras e roupas negras, os dois percorreram os corredores e as salas da escola com revólveres e bombas caseiras. Mataram 13 alunos e um professor, antes de trocarem tiros com a polícia. Durante o confronto, ambos se suicidaram. O massacre comoveu o mundo e se tornou um marco na história americana. (Fonte: BBC Brasil)

Novamente o print atribuído a Guilherme no fórum é exibido. Foto de Guilherme com a máscara de caveira no rosto. Foto 3x4 de Luiz Henrique. Imagens da locadora. Imagens do circuito de segurança do lado de fora da escola que mostra o carro alugado. Imagens do estacionamento. Passagem do repórter no estacionamento. Repórter caminha em frente os carros. Foto de Guilherme e Luiz Henrique.	SEREM RASTREADAS PELAS AUTORIDADES. ENTRE OS SEGUIDORES, GUILHERME E LUIZ HENRIQUE SÃO TRATADOS COMO HERÓIS. A POLÍCIA TRABALHA PARA DESCOBRIR QUEM É O ADMINISTRADOR DO SITE E DE QUE FORMA ELE PODE TER INCENTIVADO O MASSACRE. O PLANO COMEÇOU A SER COLOCADO EM PRÁTICA DE FATO NO DIA 21 DE FEVEREIRO QUANDO LUIZ HENRIQUE ALUGOU O CARRO USADO PELOS ASSASSINOS NESSA LOCADORA DA CIDADE. O VEÍCULO FICOU A MAIOR PARTE DO TEMPO, DESDE ENTÃO, NESTE ESTACIONAMENTO PERTO DALI. O ESTACIONAMENTO É BASTANTE GRANDE, A GENTE PERCEBE QUE LÁ NO FUNDO TEM CAMINHÕES, PRAQUELE LADO O ALAN SANTOS MOSTRA TEM ÔNIBUS E AQUI É A ÁREA DOS VEÍCULOS DE PASSEIO, DOS CARROS. O LUIZ HENRIQUE E O GUILHERME PREFERIRAM UMA VAGA EM ESPECÍFICO PARA ESTACIONAR, ELA FICA BEM RETIRADA, LÁ NO CANTINHO. NUNCA CHAMARAM ATENÇÃO PORQUE O DONO DO
--	--

Repórter mostra a vaga. Repórter aponta para a cabine. Foto e nome dos assassinos. Repórter ao lado de um carro que está na vaga que assassinos usavam. Imagens da entrevista com o funcionário.	ESTACIONAMENTO ACREDITAVA QUE O LUIZ HENRIQUE FOSSE O DONO DO VEÍCULO. A VAGA QUE ELES FICAVAM NORMALMENTE ERA ESSA AQUI. ELES FICAVAM AQUI DURANTE TODA A MADRUGADA SEM SEREM INCOMODADOS. QUANDO SAIM DAQUI, PASSAVAM ALI NAQUELA CABINE QUE FICA NA PARTE DA FRENTE, RETIRAVAM O TICKET E RETORNAM DEPOIS SEMPRE FAZENDO O MESMO PROCEDIMENTO. NÃO CHAMAVAM A ATENÇÃO A NÃO SER PELA ESTRANHEZA POR FICAR MUITO TEMPO DENTRO DO VEÍCULO TRAZENDO OBJETOS, MAS OS FUNCIONÁRIOS ACREDITAVAM QUE ELES ERAM APENAS VICIADOS EM JOGOS, FICAVAM AÍ CONVERSANDO, ACABAVAM NÃO INCOMODANDO OS DOIS AQUI DENTRO DO VEÍCULO. [SONORA] FUNCIONÁRIO DO ESTACIONAMENTO: PARECIA SER UM RAPAZ BEM EDUCADO E BOM E EM NENHUM MOMENTO CAUSOU SUSPEITA. O MAIS JOVEM É O GUILHERME, O MAIS BRANQUINHO E MENORZINHO. O OUTRO ERA UM POUCO MAIS ALTO E É O QUE FALAVA MAIS COMIGO. O GUILHERME, O MAIS JOVEM, JÁ ERA
---	--

Imagens de circuito interno da cabine do estacionamento que mostram Luiz Henrique fazendo o pagamento ao funcionário.		BEM FECHADO.
Foto e nome dos assassinos na tela ao fundo.	VIVO	OFF [LUIZ MARTINS]: ESSA IMAGEM MOSTRA O LUIZ HENRIQUE PAGANDO A CONTA DA GARAGEM NO ÚLTIMO DIA SETE DE MARÇO, GUILHERME APARECE ATRÁS DELE. A POLÍCIA AINDA NÃO SABE ONDE O CARRO FICOU ATÉ O DIA DO ATAQUE. JOSÉ LUIZ DATENA: É UMA LOUCURA NÉ? QUEM É QUE PODIA IMAGINAR QUE ESSES DOIS MOLEQUES AÍ COMETERIAM UM CRIME TÃO ABSURDO COMO ESSE? MAS ESSE ADMINISTRADOR DESSE SITE DA DEEP WEB É O COMEÇO DA INVESTIGAÇÃO DO CHAMADO TERRORISMO DOMÉSTICO, É POR AÍ QUE ELES PODEM DESCOBRIR O CHAMADO TERRORISMO DOMÉSTICO. E É BOM QUE DESCUBRA MESMO PRA ACABAR LOGO COM ESSE NEGÓCIO, PRENDER QUEM TEM QUE PRENDER PRA EVITAR QUE FUTUROS ATAQUES SEJAM DEFLAGRADOS. ATÉ AGORA NÃO HÁ EVIDÊNCIA NENHUMA DE ALGUM OUTRO PLANO COMO ESSE EM ANDAMENTO NEM EM SÃO PAULO NEM NO BRASIL, MAS ESTÃO INVESTIGANDO SIM A

		POSSIBILIDADE DE TERRORISMO DOMÉSTICO, ISSO ESTÁ MAIS DO QUE CLARO.
--	--	---

Fonte: Elaborado pela autora após pesquisa documental

4.3.2 Reportagem 2

A segunda reportagem começa no minuto 15:15 do Vídeo 03, ela também foca na ação dos assassinos e nas informações que a polícia já conseguiu levantar sobre a dupla.

Quadro 2 – Roteiro da Reportagem 2

VÍDEO	TEC	ÁUDIO
Datena em pé de frente a tela de fundo que exibe o logotipo do programa. Foto e nomes dos assassinos projetados na tela de fundo. Imagem de agentes da polícia recolhendo materiais na porta da escola. Imagem da CPU apreendida pela polícia. Foto e nome da dupla. Foto de Guilherme com uma máscara de caveira e segurando um revólver em direção a câmera.	VIVO	JOSÉ LUIZ DATENA: POLÍCIA TRAÇA O PERFIL DOS ATIRADORES E QUER SABER COM QUEM ELES SE COMUNICAVAM. É AÍ NA HISTÓRIA DESSE SITE QUE MORA O PERIGO DESSA DEEP WEB QUE PODE ESTAR SURGINDO UMA NOVA MODALIDADE QUE NÃO TEM NO BRAISL, QUE É O TAL DE TERRORISMO DOMÉSTICO. MARCELO MOREIRA, PÕE NA TELA POR GENTILEZA, Ô LATINO. OFF [MARCELO MOREIRA]: A INVESTIGAÇÃO SEGUE EM RITMO ACELERADO. UMA PERÍCIA RÁPIDA EM UM DOS COMPUTADORES APREENDIDOS MOSTRA QUE GUILHERME E LUIZ HENRIQUE FALAVAM EM MATAR MAIS DE TRINTA PESSOAS E ENTRAR PARA A HISTÓRIA. O PLANEJAMENTO DUROU CERCA DE UM ANO, NUMA DAS CONVERSAS ENTRE OS DOIS

Imagens da CNN sobre o ataque em Columbine exibindo a correria dos estudantes, a polícia em ação e o socorro de algumas vítimas. Imagens do circuito de segurança do lado de fora da escola que mostram a dupla descendo do carro. Imagens do circuito de segurança do lado de fora da escola que mostram os alunos correndo em desespero. Imagens dos materiais apreendidos pela polícia. Imagens dos agentes da polícia periciando o carro na porta da escola. Imagens do caderno de Guilherme. Foto de Guilherme. Imagem do caderno de Guilherme.	ASSASSINOS ELES CITAVAM SUPERAR O ATAQUE NA UNIVERSIDADE DE COLUMBINE, NOS ESTADOS UNIDOS EM NOVENTA E NOVE, ONDE DOIS ATIRADORES ABRIRAM FOGO. DOZE ALUNOS E UM PROFESSOR FORAM MORTOS E VINTE UMA PESSOAS FICARAM FERIDAS. SÓ QUE NA SEQUÊNCIA OS DOIS ATIRADORES ACABARAM MORTOS POR POLICIAIS. ESSA MESMA PESQUISA NOS COMPUTADORES MOSTROU QUE GUILHERME E LUIZ BUSCAVAM DICAS NA DEEP WEB, A INTERNET PROIBIDA, PARA COLOCAR O PLANO EM AÇÃO. NAS PEQUISAS, OS DOIS PERGUNTAVAM A OUTROS INTERNAUTAS COMO INVADIR A ESCOLA, QUE TIPO DE ARMAS DEVERIAM USAR E COMO FAZER O MAIOR NÚMERO DE VÍTMAS NUM CURTO ESPAÇO DE TEMPO. NO CARRO ALUGADO ESPECIALMENTE PARA A CHACINA, OS POLÍCIAS ENCONTRARAM UM CADERNO DE GUILHERME COM ANOTAÇÕES LIGADAS AO CRIME. COMO NUM ROTEIRO DE VIDEO GAME, O GRANDE PASSATEMPO DOS DOIS, O ATIRADOR DE 17 ANOS DESCREVE UM PASSO A PASSO DE COMO DEVERIA ACONTECER O
--	--

Foto de Guilherme com a máscara de caveira. Imagem da CPU apreendida pela polícia. Imagens da entrevista com o delegado.		ATENTADO. DESENHOS DE CAVEIRAS, UMA PISTOLA E CRIMINOSOS ENCAPUZADOS COMPLETAVAM OS ÚLTIMOS PENSAMENTOS DE GUILHERME DESCRITOS AQUI. ESSE COMPUTADOR FOI COLHIDO AONDE, DOUTOR? SONORA [DELEGADO JAIME PIMENTEL]: NUMA LAN HOUSE QUE SEGUNDO INFORMAÇÕES, FOI A ÚLTIMA LAN HOUSE UTILIZADO POR UM DELES. PERGUNTA [MARCELO MOREIRA]: ELES PODERIAM USAR ESSA LAN HOUSE PARA PLANEJAR O CRIME? SONORA [DELEGADO JAIME PIMENTEL]: PODE SER, É ISSO QUE A GENTE VAI AVERIGUAR AGORA.
---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora após pesquisa documental

É possível perceber que nos comentários das reportagens Datena cita por diversas vezes o termo “terrorismo doméstico”, portanto, é importante compreender tal conceito. O site do Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios explica que o artigo 2º da Lei nº13.260, de março de 2016 define o conceito de terrorismo como sendo a prática de atos de destruição, por uma ou mais pessoas, motivada por xenofobia, ou qualquer forma de discriminação ou preconceito, com a finalidade de provocar terror na sociedade ou de maneira generalizada. (TERRORISMO, 2019, online). Também esclarece que a lei não traz expressamente o termo “terrorismo doméstico”, mas que ele vem sendo utilizado para definir os crimes por nacionais de um Estado contra seu próprio povo. (TERRORISMO, 2019, online).

Ao usar do recurso da repetição do termo Datena parece querer criar a sensação de ameaça e insegurança, isso será mais detalhado na análise da cobertura da coletiva com a Polícia Civil do Estado de São Paulo.

Nas duas reportagens apresentadas acima é possível perceber que o foco está nos atiradores e na forma com que eles planejaram o crime. Tal escolha jornalística dá ênfase ao fato, pois seus rostos são estampados, as imagens de circuito de segurança em que aparecem e algumas características da premeditação do crime são descritas como um passo a passo, como é o caso da citação da *deep web* nas duas reportagens. Isso faz com que os assassinos ganhem a notoriedade que buscavam com o crime, além de ser um agravante no risco de tornar um incentivo para novos crimes semelhantes.

O trecho da reportagem 1 em que o repórter menciona o fórum e ainda mostra uma captura de tela da mensagem deixada por um dos atiradores dá ainda mais visibilidade ao fórum e seus membros. Dá ênfase a música postada por Guilherme, uma espécie de hino para os membros do fórum. Outro destaque é a parte em que o repórter descreve como era a rotina entre a dupla, como eles alugaram o carro, onde ficavam, como agiam. Para usar toda essa descrição, o repórter faz uso da chamada dramatização caracterizado por Romão como sendo um recurso do sensacionalismo no Jornalismo Policial (ROMÃO, 2013, p.113). A reportagem 2 também colabora para essa notoriedade dada aos atiradores, o modo com que usavam a internet e detalhes dos assassinos que antes eram desconhecidos, como suas armas usadas, suas roupas, o caderno de anotações de Guilherme, tudo isso colabora para um despertar de curiosidade/perplexidade sobre a dupla, pois passam a ser personagens da dramatização nas reportagens.

Ao todo três reportagens foram produzidas para falar exclusivamente dos atiradores, de como agiram, da premeditação do crime e de seus comportamentos, o que reforça a notoriedade dada aos atiradores, já que no próximo subcapítulo o delegado da Polícia Civil de São Paulo afirma que o objetivo da dupla era um só: ganhar mídia.

4.3.3 Coletiva de imprensa

Um recurso bastante utilizado no Jornalismo Policial e descrito no capítulo três é o depoimento de autoridades. Trata-se da situação em que “por meio da opinião de autoridades e especialistas, os programas podem legitimar seus pontos de vistas a respeito das matérias apresentadas, transmitindo aos telespectadores que sua posição é bem fundamentada e,

portanto, confiável” (ROMÃO, 2013, p.148). No programa três autoridades são ouvidas sobre o massacre.

Durante a transmissão do Brasil Urgente, o procurador-geral de Justiça, Gianpaolo Smanio entrou ao vivo rapidamente por telefone para comentar o caso e responder questionamentos do apresentador, principalmente para falar sobre o assunto que Datena sempre bate na tecla que é o “terrorismo doméstico”. Enquanto o procurador falava ao telefone as imagens do velório e do sepultamento das vítimas eram transmitidas. (Vídeo 01. 01:19:28)

Logo em seguida o link ao vivo é direcionado para a coletiva da Polícia Civil do Estado de São Paulo onde o delegado-geral, Ruy Ferraz Fontes, explicava o caso e falava sobre as investigações. O repórter Marcelo Moreira era o representante da Band que estava participando da coletiva ao vivo. A coletiva durou pelo menos 12 minutos. Datena em 01:23:33 do Vídeo 01 (ver anexo) falou com o repórter “Ô Marcelo, pergunta aí desse terrorismo doméstico”. E o repórter Marcelo Moreira perguntou ao delegado “Doutor, ao vivo aqui com o Datena, Brasil Urgente. Com relação à *deep web* o que vocês já sabem? Todos já sabemos que eles andaram pesquisando através de uma *lan house*” e Datena interrompe dizendo “terrorismo doméstico”, o repórter continua a pergunta “algumas páginas em um fórum de propagação do ódio, terrorismo doméstico, o que vocês já sabem com relação a essas pesquisas e essas buscas que fizeram lá e a ajuda que até talvez obtiveram através deste fórum, doutor?” O delegado Ruy Ferraz Fontes respondeu “Nós não vamos adiantar essa informação porque esse equipamento apreendido lá está sendo analisado neste exato momento e nós não temos as respostas das pessoas com quem eles contataram e se essa informação evidentemente está no *hardware* ou no disco que não é de memória permanente deste equipamento”.

Figura 3 – Imagem da cobertura da coletiva com a Polícia Civil no Brasil Urgente



Fonte: Pesquisa documental da programação

No minuto 04:52 do Vídeo 02 uma outra jornalista que participava da coletiva perguntou como era a comunicação entre os assassinos e o delegado respondeu que a maioria das conversas entre os dois eram pessoalmente e também fala “não temos nenhuma evidência até o presente momento que eles estivessem consultando a *deep web* para poder ter material suficiente para executar o que executaram”. E mais uma vez, em 08:52 do Vídeo 02, o repórter do Brasil Urgente volta a perguntar sobre terrorismo doméstico, se a investigação do Ministério Público em conjunto com a Polícia Civil já chegou a mencionar o termo, o delegado responde “Já chegou a falar sobre terrorismo doméstico, eles estão acompanhado os atos de investigação da Polícia Civil e obviamente se chegar a essa conclusão nós vamos dar esse destino ao inquérito policial”.

Então, mesmo com as respostas oficiais das autoridades de que naquele momento das investigações não haviam evidências que comprovassem o uso da *deep web* e a questão do terrorismo doméstico, o programa Brasil Urgente seguiu replicando especulações sobre esses assuntos. No minuto 01:19 do Vídeo 2 Datena chegar a falar que “se não quis responder sobre esse terrorismo doméstico é porque estão investigando e tem fundamento”. Para Romão, tal atitude de focar em temas como esse é comum no Jornalismo Policial e a intenção é trazer a sensação de insegurança. “O Jornalismo Policial constrói a ideia de que nossa realidade social é extremamente insegura, criando uma atmosfera de medo e ameaça constante. Essa realidade hostil, no entanto é apresentada de forma completamente simplista e

maniqueísta.” (ROMÃO, 2013. p.45). A fixação de Datena pela questão do terrorismo doméstico é um claro exemplo disso.

No minuto 14:24 do Vídeo 02 fica claro essa especulação em cima deste assunto para criar a sensação de ameaça. Datena comenta “Profundamente é o que pode ser um caso até muito mais sério do que a gente imagina, do que um ataque que tenha sido só estimulado pelo fato de ver vídeos lá de Columbine, que é aquela escola americana onde mataram muita gente, né? Mas pode ter origem num grupo terrorista, eu estou repetindo o que eu ouvi do delegado, muito superficialmente, e do Ministério Público que está atuando junto com a Polícia. O Ministério Público que trabalha para caramba e que quando entra numa investigação como a Polícia não brinca. Então, há probabilidade de que só faltava essa de que a gente tenha além de PCC, além de Comando Vermelho, que é o crime organizado, grupos terroristas domésticos se formando como tem nos Estados Unidos, como tem em todo lugar, França, Bélgica, não é verdade? Em todo lugar do mundo... Parece que um núcleo de terroristas estaria usando a *deep web*, a internet profunda, e também redes sociais para realizar ataques como esse ou estimular essas pessoas a cometer esse tipo de crime. Bom, no Brasil com esse monte de porcaria que a gente tem aqui só faltava isso, não faltava mais absolutamente nada”.

O delegado de Suzano, Alexandre Dias, também participa do programa após a entrevista coletiva, Datena faz perguntas diretas ao delegado que está ao lado do repórter Marcelo Moreira e o ouve o áudio do estúdio através do fone de ouvido, esse momento do programa durou pelo menos 15 minutos. Os temas abordados são os mesmos trazidos durante a coletiva com o delegado-geral de Polícia Civil, Datena pergunta novamente sobre o possível terrorismo doméstico que poderia estar se formando no Brasil e o delegado responde que apesar de ser uma das linhas de investigação, não há nada confirmado sobre isso.

Figura 4 – Delegado de Suzano dá entrevista a Datena durante o programa



Fonte: Pesquisa documental da programação

O repórter Marcelo Moreira, que participou da coletiva de imprensa, volta a participar ao vivo mais a frente no programa para conversar com Datena sobre os principais pontos da entrevista coletiva, (00:01 do Vídeo 03), esse momento durou 5 minutos. Ao todo, a cobertura da coletiva, a entrevista exclusiva com o delegado de Suzano e a participação do repórter preencheram mais de meia hora do programa com caráter bastante repetitivo. Esse recurso de repetição é descrito por Romão como um elemento para captura de atenção do sensacionalismo (ROMÃO, 2013. p.110). Além de parecer uma tentativa de que o telespectador passe a acreditar e/ou concordar com aquilo, já que é dito tantas vezes.

Durante a coletiva, 08:20 do Vídeo 02, um repórter de outro veículo perguntou sobre a compra dos materiais utilizados durante o ataque e o delegado confirma que algumas das compras foram feitas no site de compras online *Mercado Livre*. Datena faz um comentário sobre isso indignado com a facilidade em adquirir produtos ilegais através da compra na internet e diz que “Daí para você organizar um ataque não fica muito longe, né?”. A devida reponsabilidade do comentário acerca de tal informação pode não ter sido tomada, pois a ênfase na facilidade de adquirir produtos ilegais dessa forma pode trazer certo incentivo à prática.

Também merece destaque na coletiva o momento em que o repórter Marcelo Moreira perguntou sobre a motivação do crime e a resposta do delegado Ruy é a seguinte: “A motivação tem mais um caráter pessoal de reconhecimento por parte da comunidade, da

sociedade dele, em relação à atividade dele dentro da própria comunidade, eles tinham, ou pelo menos, não se sentiam reconhecidos. E copiaram, e isso nós já temos materializado, eles queriam demonstrar que eles poderiam agir como aconteceu na escola em Columbine nos Estados Unidos, com crueldade e com caráter trágico para que eles fossem mais reconhecidos do que antes” (00:30 do Vídeo 02). Marcelo mais a frente, em 01:50 do Vídeo 02, faz outra pergunta relacionada ao objetivo dos assassinos “Doutor esse tipo de criminoso ele busca a publicidade, aparecer de fato na mídia?” e o delegado rapidamente responde “É, esse foi o principal objetivo, não tinha outro”. No momento em que o delegado fala isso, Datena faz uma expressão facial de espanto, como retratado na imagem abaixo.

Figura 5 – Expressão facial de Datena após o delegado revelar o objetivo dos assassinos



Fonte: Pesquisa documental da programação

O delegado deixou claro que o objetivo dos assassinos era ganhar reconhecimento e aparecer na mídia, é irônico que a imprensa saiba disso e ainda assim tenha continuado a reproduzir as imagens dos assassinos e dando enfoque ao massacre. De acordo com o método dialético, é possível apontar essa situação como contradição encontrada.

É também um paradoxo e um embate para os jornalistas, pois é preciso noticiar a tragédia para que se cobre providências, mas de forma responsável, sem acabar contribuindo para que o objetivo dos assassinos seja de fato cumprido. João Paulo Vicente, repórter do jornal online *The Intercept* Brasil publicou uma reportagem sobre isso, a manchete leva o título “Parabéns, imprensa: vocês deram a notoriedade que os atiradores de Suzano queriam”, vale destacar um trecho da mesma:

A foto de um dos atiradores com um arma e uma balaclava de caveira, que já circulou exaustivamente, foi pensada para isso. A imagem é perfeita para a mídia: é atraente do ponto de vista estético, cria um monstro real e mostra o assassino. Jornais estamparam, de forma irresponsável, as fotos dos assassinos nas posições que eles escolheram: de armas em punho, ameaçadores, em uma posição de poder que provavelmente jamais tiveram em vida. [...] Republicada à exaustão, a imagem cria um mito. Nos chans⁸, o adolescente de 17 anos que assassinou os colegas já virou um herói. (VICENTE, 2019. s.p)

O Brasil Urgente, mesmo sabendo que o objetivo dos atiradores era a fama, dedicou não só um programa inteiro cobrindo a tragédia, mas também o programa do dia seguinte ao massacre trazendo os desdobramentos do caso e divulgando fotos e informações sobre os atiradores e o tal fórum de propagação do ódio.

4.3.4 Comentário 1

Em certo momento do programa, Datena faz uma pausa para mostrar uma imagem capturada por um cinegrafista que está fazendo a cobertura do sepultamento das vítimas no cemitério. A imagem mostra um arco-íris que se formou atrás das lápides, o “fim” do arco-íris parece se encontrar com uma das lápides do cemitério que tem uma cruz e mais a frente uma escultura de Cristo com os braços abertos.

Figura 6 – Imagem do arco-íris que se formou no céu do cemitério São Sebastião em Suzano



Fonte: Pesquisa documental da programação

⁸Chan: é uma espécie de fórum onde as postagens, todas anônimas, estão todas em uma mesma página. Eles costumam discutir assuntos variados e têm públicos bem específicos. Os chans mais agressivos, em geral, são formados por homens brancos, jovens e heterossexuais, que costumam se colocar contra pautas progressistas e, costumam ser misóginos, racistas e cultuar a violência. (Fonte: The Intercept Brasil)

O comentário que Datena fez ao 49:46 minutos do Vídeo 02 enquanto a imagem está no ar merece destaque:

“Olha, no meio de tanta imagem de tristeza e de dor, olha que imagem essa, ó, olha que imagem. Eu quero saber quem é o cinegrafista porque a sensibilidade do cinegrafista também é fundamental. É o Clélio, né? É o Clélio... Olha que cena que nós temos aí no cemitério São Sebastião. Parabéns ao Clélio, viu? Num momento de tanta tristeza, de repente, a chuva dá uma trégua para que haja a despedida de familiares e amigos à heróis e às vítimas, de repente surge esse arco-íris do nada em cima da cruz, ladeado por uma imagem de Jesus Cristo e uma imagem mais ao fundo que não dá pra gente discernir. Mas em cima da cruz... Essa é seguramente a imagem do dia, essa é com certeza a imagem do dia, pode guardar pra encerrar o jornal porque é Deus mandando alguma mensagem aí... Que imagem, olha! O arco-íris com uma imagem de Jesus Cristo ao lado, não é, de braços abertos e o arco-íris iluminando exatamente a cruz, é uma coisa emocionante. Muita gente que não tem as crenças que eu tenho, que você tem, e eu respeito vai dizer que é uma imagem plástica e bonita, eu atribuo essa imagem a uma mensagem divina, eu atribuo isso a Deus. Poxa Datena, mas se Deus existe por que que essas pessoas foram assassinadas desse jeito? Porque assim é o destino. Quando perguntaram acho que foi pra Santo Agostinho, por que ele acreditava em Deus, ele respondeu “simplesmente é porque eu acredito”. Quando me perguntam por que que eu acredito em Deus, eu respondo a mesma coisa e eu acredito. Eu acredito em Deus porque eu acredito, simplesmente e não precisa explicar mais nada, é uma questão de sentimento, só isso. Do mesmo jeito que eu respeito quem não acredita, eu acredito em Deus e acredito muito em Deus. Poxa vida, mas você tem se ferrado ao longo da vida, você tem tido problemas ao longo da vida inteira...e daí? Faz parte da nossa existência, faz parte do nosso aprendizado. Na minha concepção, Jesus foi enviado por Deus aqui nesse planeta pra pagar nossos pecados e sofreu uma barbaridade até o final, a sua palavra, depois de muito sofrimento é “pai, perdoai-vos, porque eles não sabem o que fazem”. Quando eu vejo uma imagem dessa, eu digo mais do que nunca... Deixa eu ver a imagem aí... Quando eu vejo essa imagem, eu digo mais do que nunca, que eu acredito e pronto e acabou, não é? Do mesmo jeito que eu respeito quem não acredita, as pessoas tem que respeitar que eu acredito, senão é... obviamente, é... não funciona dessa forma o direito que nós temos de sentirmos aquilo que sentimos. Que imagem essa! Parabéns ao Clélio por ter tido essa sensibilidade de capturar um momento simplesmente muito terno dessa cobertura. Fora isso, atenção hein, atenção! Fora isso, temos aquilo que a gente já previa, enchentes em São Paulo...”

O comentário que Datena fez é movido por suas crenças e paixões. José Marques de Melo, autor que propôs categorias para o Jornalismo, enquadra o comentário como um dos gêneros do Jornalismo (MELO, 2003. p.112). O autor diz que o comentarista precisa ter uma vasta bagagem cultural e experiência para tal, e que não pode impor nenhuma opinião e nem demonstrar paixões em suas falas, pois,

Contudo, o comentarista não é um julgador partidário, alguém que faz proselitismo ou doutrinação. É um analista que aprecia os fatos e estabelece conexões, sugere desdobramentos, mas procura manter, até onde é possível, um distanciamento das ocorrências. (MELO, 2003 p.112)

Quando Datena expõe sua crença como explicação para o que aconteceu em Suzano ele feriu a ética, pois desrespeitou os telespectadores que possuem outras crenças/religiões e desrespeitou também as vítimas e suas famílias nesta tragédia atribuindo o ato criminoso ao “destino”. Além disso, a abordagem foi extremamente superficial e apelativa, de acordo com as categorias propostas por Romão no Jornalismo Policial, em que os “fatos nunca levam a discussões mais amplas e politizadas sobre o tema em questão” (ROMÃO, 2013 p. 125).

4.3.5 Comentário 2

Em certos momentos do programa Brasil Urgente, o apresentador fez comentários criticando o governo e o Estado, usou xingamentos e se indignou com a falta de segurança nas escolas e outros assuntos relacionados ao ensino. O trecho do minuto 31:16 do Vídeo 03 merece destaque:

“Olha, independente do que aconteceu nessa escola...tirando o que aconteceu nessa escola... Ah, porque foi muito difícil de prever, porque entraram, eram ex-alunos, tiveram a entrada facilitada, mataram gente para caramba, você viu a molecada pulando o muro ali. Mas, admitamos que ainda que essa escola tivesse dois seguranças, dois seguranças, provavelmente esses moleques seriam parados no primeiro ato de entrar na porta ali. Poderiam ter matado uma pessoa ou ferido uma pessoa, mas iam ficar ali, iam deitar ali mesmo, se tivessem dois seguranças, um então já resolvia. Quantas escolas em São Paulo nós temos segurança? Não sei, acho que nenhuma. Escola pública eu não sei, escola pública que tenha segurança, não me consta que tenha segurança. Se um pai, uma mãe, deixa o seu filho na porta de uma escola, quem é responsável pela segurança do seu filho? O Estado, mas o Estado não dá segurança. As escolas são inseguras, são insalubres, as escolas não tem material escolar, as escolas vivem rodeadas de bandidos vendendo droga, as escolas têm professores mal pagos, extremamente mal pagos, um ensino do Estado mais importante da União em termos econômicos, em termos financeiro é uma porcaria. O que tem de reclamação de escola

que não tem o básico. Merenda é roubada aqui, ninguém vai para cadeia. A merenda tem péssima qualidade na maioria das escolas e há reclamações e isso não funciona. No fim as pessoas acabam dando graças a Deus quando conseguem uma vaga. Então, os nossos alunos já comem muito mal e barriga vazia não para em pé quanto mais aprender. Os nossos alunos não tem um bom ensino porque o professor que tá passando fome e tá preocupado com a conta que ele vai pagar com o salário miserável que ele ganha não consegue ensinar bem. Os nossos alunos às vezes não tem nem cadeira para sentar. Os nossos alunos não tem um ensino capaz de fazê-los preparados para enfrentar o mercado de trabalho e fazer do país um país de verdade, de primeiro mundo, não tem nada disso. E também não tem segurança? Ora... Cadê o dinheiro que o Estado arrecada com tantos impostos, que cobra de todas as formas possíveis e imagináveis do mais pobre até o mais rico? Geralmente quem não paga imposto é gente muito rica que consegue por subterfúgios aí lesar os cofres do imposto de renda, porque pobre paga mesmo o imposto de renda descontado, inclusive, na fonte. O que adianta você ter o Estado mais rico da União se ele te dá muito pouco em troca disso? A saúde pública é uma porcaria, né? Ou eu tô errado? Eu tô dizendo alguma besteira aqui? Hã? Saúde pública uma droga, postos de saúde fechados, postos de saúde que não tem nem insulina pro cara sobreviver, remédios básicos de uso contínuo não tem nesses postos de saúde, não tem médico, às vezes não tem enfermeira, quando tem enfermeira não tem médico. Eu tô errado no que eu tô falando aqui? Segurança então nem se fala, é tiro pra todo lado, é bala pra todo lado e daí por diante. E nem segurança nas escolas os nossos meninos hão de ter? É o mínimo que você pode exigir.”.

Apesar de ser função do jornalismo denunciar e cobrar as deficiências do Estado, Datena não o fez de forma embasada e/ou aprofundada na cobertura analisada. Fontes e dados poderiam ser usados para dar credibilidade às denúncias que o apresentador fez, pois são temas importantes de caráter social, mas usou argumentos superficiais e clichês para falar sobre as questões. Mais uma vez a categoria da abordagem superficial proposta por Romão se faz presente, um vez que “por abordagem superficial entendemos a ausência de discussões profundas ou complexas nos programas. O Jornalismo Policial apela para clichês e visões simplistas sobre os ocorridos, deixando de lado o desenvolvimento de reflexões rigorosas” (ROMÃO, 2013, p. 42). No capítulo dois desta pesquisa, inclusive, foi mencionado o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros que afirma que o trabalho do jornalista requer compromisso com a apuração dos fatos (FENAJ, 2007), informações como as trazidas por Datena neste comentário são pertinentes, mas parecem ser pautadas no senso comum.

4.3.6 Comentário 3

No capítulo dois desta pesquisa é citado o autor Marcondes Filho, que acredita que a notícia, na contemporaneidade, é tratada como mercadoria (MARCONDES FILHO, 2000, p.31). Durante a transmissão do programa Brasil Urgente um possível exemplo deste caso apareceu. No primeiro bloco do jornal quando Datena chama o repórter Lucas Martins que está ao vivo da arena onde acontece o velório coletivo das vítimas, o apresentador o apressa o repórter alegando que o programa precisaria atender o departamento comercial. Segue o comentário feito aos 24:37 do Vídeo 01:

“É, pessoas que morreram de uma forma brutal, né? O Lucas tá ali, tá acompanhando tudo lá na arena e deve ter sentido de perto a emoção de parentes, amigos e até quem não conhecia, não é? Morte de meninos, de garotinhos né? Fica mais pesado quando tem uma morte tão terrível como essa. Hein, Lucas Martins, falta ainda algum corpo a ser transferido ainda lá para o cemitério? Pois não, Lucas, também rapidamente por uma questão de estratégia do programa, que a gente tem que atender nosso departamento comercial. Pois não, Lucas Martins.”

Diante deste comentário torna-se inevitável questionar se o compromisso de Datena e da produção do Brasil Urgente é com a notícia e seus telespectadores ou com o departamento comercial. O fato traz à tona e explicita uma contradição grave do programa e da cobertura como um todo, já que o artigo 6º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros afirma que a profissão de jornalista é uma atividade de natureza social e de finalidade pública.

4.3.7 Velório e sepultamento

A grande repercussão do programa do dia seguinte ao massacre foi o velório e o enterro das vítimas. Logo na abertura do programa três repórteres aparecem dividindo tela, o primeiro é o Lucas Martins que acompanha o velório coletivo das vítimas na Arena Suzano, em seguida a repórter Carla Ramil fala ao vivo no cemitério São Sebastião, a outra repórter é Débora Lopes que também acompanha ao vivo da entrada do cemitério São Sebastião.

Figura 7 – Repórteres dividem tela na abertura do programa Brasil Urgente



Fonte: Pesquisa documental da programação

Os repórteres entram ao vivo destes locais por diversas durante toda a programação deste dia no Brasil Urgente, cada vítima que deixa a arena, cada vítima que chega ao cemitério ou que é enterrada é motivo para que os repórteres entrem ao vivo com as imagens e informações. É certo que esse momento é um desdobramento importante do ponto de vista da noticiabilidade, porém a repetição exagerada sobre o fato torna a cobertura sensacionalista.

As imagens do velório e do enterro dividem telas enquanto outro assunto é apresentado, as imagens também entram em quadros de tela menores durante a exibição de outras reportagens, mesmo que não haja uma explicação sobre o que está sendo projetado, as imagens estão ali. Romão (2013, p. 43) discorre sobre as características do sensacionalismo no Jornalismo Policial em que a ênfase nas imagens é um recurso bastante explorado, além da questão da velocidade e da fragmentação.

O ritmo acelerado, a profusão interrupta de imagens (muitas vezes sobrepostas), a mistura entre fala de repórteres e apresentadores, ruídos, músicas, etc, o encadeamento desnorteado de notícias – o qual muitas vezes deixa coberturas pela metade – são todos traços que contribuem para que os programas tenham certo efeito hipnótico sobre sua audiência. O telespectador fica desnorteado, sendo infinitamente estimulado e não tendo nenhum instante para refletir sobre o que está se passando. (ROMÃO, 2013, p.43)

Na imagem abaixo, as imagens do cortejo aparecem ao canto enquanto uma reportagem sobre o ataque é exibida aos 08:23 do Vídeo 03.

Figura 8 – Imagem do cortejo aparece durante exibição de reportagem



Fonte: Pesquisa documental da programação

Nesta outra imagem aos 00:16 do Vídeo 02, durante a coletiva com a Polícia Civil a tela atrás de Datena é dividida com uma imagem que mostra um carro da funerária trazendo umas das vítimas ao chegar no cemitério.

Figura 9 – Imagem ao vivo do cemitério divide com a coletiva da Polícia Civil



Fonte: Pesquisa documental da programação

Neste outro exemplo aos 20:24 do Vídeo 02, enquanto o delegado de Suzano fala ao vivo com o apresentador, a imagem do caixão de uma das vítimas sendo carregado no cemitério é exibida ao lado.

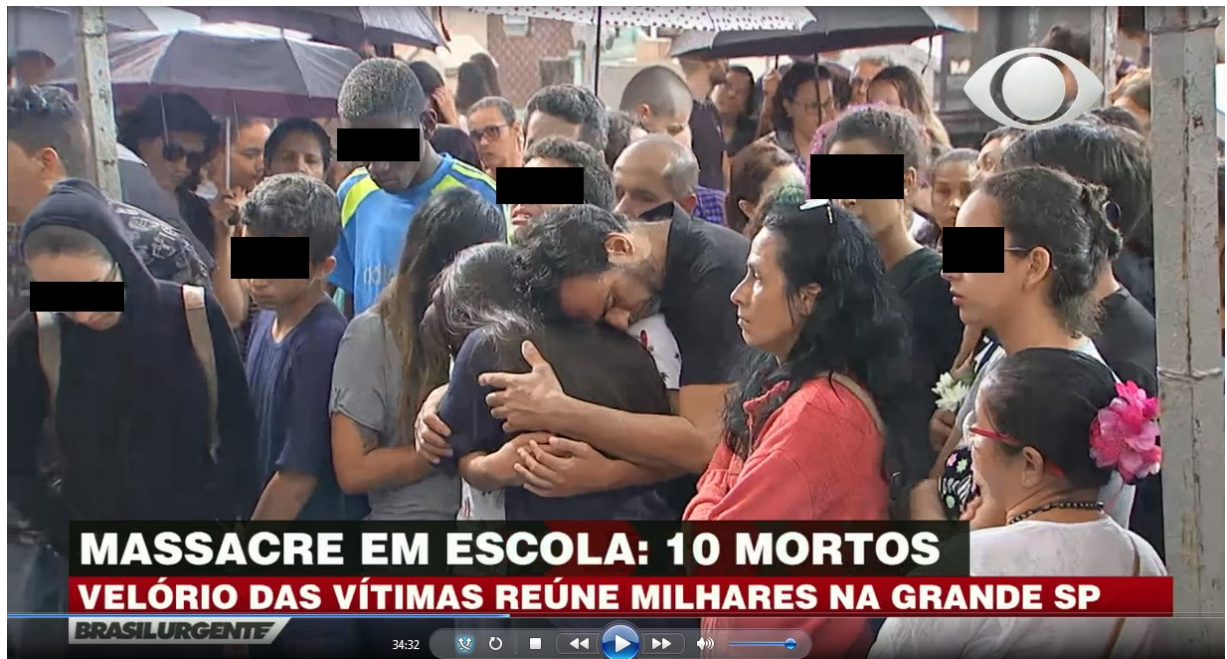
Figura 10 – Imagem ao vivo de caixão sendo transportado divide tela com a entrevista do delegado de Suzano



Fonte: Pesquisa documental da programação

Romão (2013, p. 129) também descreve que o um dos traços mais importantes do Jornalismo Policial é o trágico, a comoção, o sofrimento e a dor. “As narrativas são trágicas, os tons são trágicos, as imagens são trágicas”. (ROMÃO, 2013, p. 129). Durante a cobertura do sepultamento das vítimas, o programa dá destaque para a imagem do enterro da inspetora Eliana Xavier, onde a família, os filhos e o marido estão muito emocionados, outras pessoas inclusive crianças e adolescentes aparecem nestas imagens. A exibição desse momento do enterro com extrema comoção das pessoas ali presentes durara cerca de 15 minutos.

Figura 11 – Familiares e amigos choram durante enterro de inspetora



Fonte: Pesquisa documental da programação

Os dois adolescentes abraçados no centro da imagem são os filhos da inspetora Eliana, a imagem fixa nas expressões de choro e dor deles por muito tempo. Os rostos das crianças e adolescentes foram borrados pela autora para preservar suas identidades. De acordo com artigo 6º do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros é dever do jornalista

VIII - respeitar o direito à intimidade, à privacidade, à honra e à imagem do cidadão;

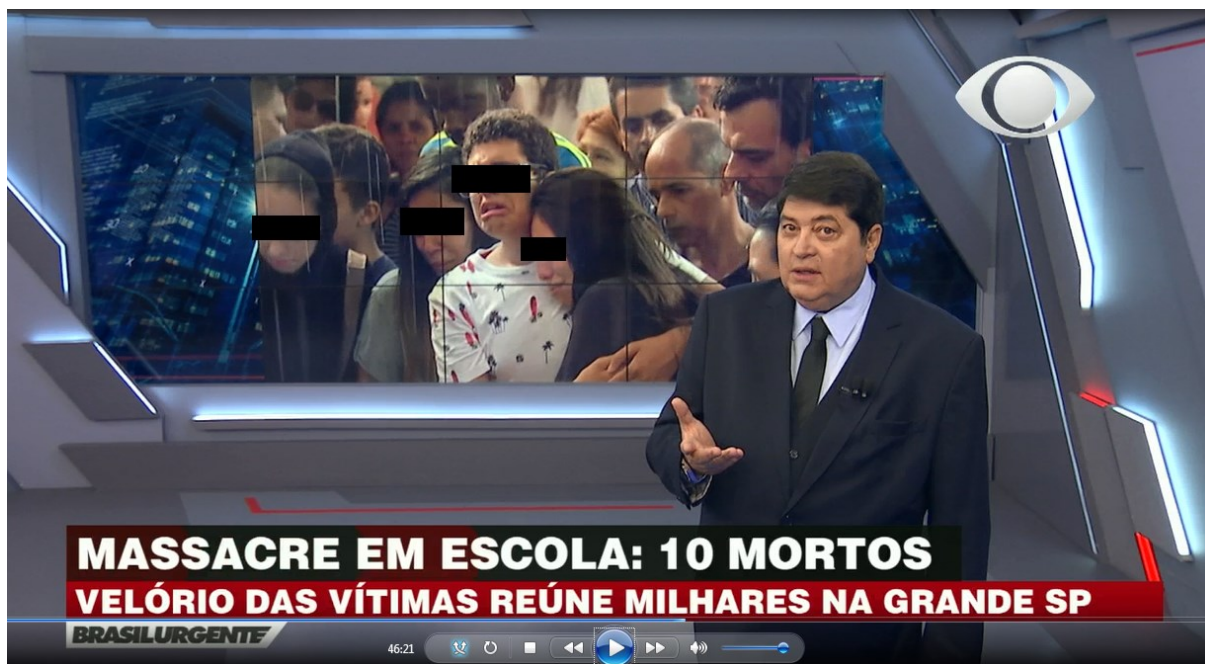
X - defender os princípios constitucionais e legais, base do estado democrático de direito;

XI - defender os direitos do cidadão, contribuindo para a promoção das garantias individuais e coletivas, em especial as das crianças, dos adolescentes, das mulheres, dos idosos, dos negros e das minorias; (FENAJ, 2007)

O Estatuto da Criança e do Adolescente afirma que:

Art.17. O direito ao respeito consiste na inviolabilidade da integridade física, psíquica e moral da criança e do adolescente, abrangendo a preservação da imagem, da identidade, da autonomia, dos valores, ideias e crenças, dos espaços e objetos pessoais. (PLANALTO, 1990)

Figura 12 – Imagem dos filhos da inspetora aos prantos aparece no telão



Fonte: Pesquisa documental da programação

À luz do que diz o Código de Ética e o Estatuto da Criança e do Adolescente é possível afirmar que o programa feriu tais direitos, o que torna mais uma contradição apontada.

4.3.8 A chuva em São Paulo

Além do assunto do massacre de Suzano, o programa trouxe informações e imagens ao vivo, inclusive com o uso de helicóptero, sobre a chuva em São Paulo. O programa contou com pelo menos sete entradas ao vivo sobre o temporal e com a participação de um meteorologista por telefone. Ao abordar este tema, a sensação que transparece é que o conteúdo foi colocado no programa apenas para preencher o tempo, ou seja, foge da concretude, já que não havia conexão entre o massacre e a chuva, exceto no momento em que a repórter que está no cemitério mostra a intensa movimentação no local mesmo com chuva.

Na maioria das entradas ao vivo sobre a chuva não havia, de fato, ocorrências relevantes sobre a situação, exceto uma imagem e informação de alagamento em uma região da cidade.

Figura 13 – Imagem aéreas mostram alagamento em São Paulo



Fonte: Pesquisa documental da programação

O que se tem nas outras entradas são informações do meteorologista falando a previsão e explicando o porquê ocorrem chuvas mais intensas no fim da tarde e especulações do apresentador sobre possíveis tragédias que o temporal poderia trazer. Esse comportamento é mais um exemplo da criação da sensação de medo e ameaça característico do Jornalismo Policial (ROMÃO, 2013 p.45).

O apresentador em determinado momento, até parece compreender que a cobertura sobre a chuva não era tão relevante, pois comenta em 54:12 do Vídeo 02, “Olha, não vai chover de uma maneira muito forte? Não. Mas chove onde já está alagado e de repente alaga mais ainda e é fácil de alagar”. A situação é mais uma característica apontada por Romão para definir o sensacionalismo nos programas policiais que é o hiper-realismo.

Refere-se a uma exageração de certos aspectos da realidade, de modo a torná-los mais significativos. No jornalismo, este recurso está vinculado ao sensacionalismo, exatamente porque permite a exploração das sensações sem que seja necessário o apelo ao ficcional. (ROMÃO, 2013, p. 44)

Em outro momento, Datena comete mais um ato antiético ao mencionar tragédias. No início do programa quando ele fala pela primeira vez sobre o céu nublado e a possibilidade da chuva na cidade diz aos 39:11 do Vídeo 01: “Atenção, eu queria pedir ao Natanel Vilhena que mostrasse o horizonte porque vai chover em São Paulo, hein? Vem tempestade aí. Ah, por que que você está preocupado? Porque na última enchente morreram quantos? Morreram dez também, não é? Morreram dez nas enchentes, né? Na última enchente que deu morreram dez

com mais dez da escola são vinte, então nós temos que ter preocupação com o tempo.” A fala demonstra certa falta de responsabilidade profissional e até empatia ao citar, em tom de comparação, tragédias distintas, com motivações completamente distintas.

Outro ponto a ser destacado é o comentário do apresentador sobre as enchentes que acabam destruindo móveis e eletrodomésticos das pessoas que tem suas casas alegadas. Datena ataca o Estado e para ele a solução é que o as prefeituras juntamente com empresários doem móveis para essas pessoas. “Não tem dinheiro nem pra comer, às vezes estão desempregados, né? [O Estado] devia dar sofá novo, geladeira, não vai fazer diferença nenhuma, roubaram tanto na política brasileira é só para de roubar um pouco e dar um pouquinho pro povo” (56:25 do Vídeo 02). Mais a frente a imagem aérea de uma mulher retirando a água de dentro de casa com um balde é exibida e Datena questiona como deve estar a situação dos móveis dessa casa. Além de apresentar uma solução extremamente simplista e superficial do questão (ROMÃO, 2013, p.42-43), não resolveria de fato o problema, pois do que adiantaria receber móveis novos se o planejamento dos bairros continuarem os mesmos e as casas continuarem alagando com as chuvas?

4.3.9 Repercussão

Para finalizar esta análise é importante lembrar que o método dialético, segundo Gil, “fornece bases para uma interpretação totalizante da realidade, uma vez que estabelece que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente” (GIL, 2008, p.14). Portanto, a fim de tentar compreender o totalizante da realidade do fato, propõe-se pensar sobre a repercussão da cobertura jornalística. É fato que após o massacre em Suzano, muitas manchetes de jornais foram estampadas com casos de ataques em menores proporções parecidos e também de ameaças a atentados, conforme as imagens destacadas abaixo.

Figura 14 – Manchete do Jornal “Correio Braziliense” do dia 16 de agosto de 2019

Polícia Civil investiga ameaça de atentado em escola particular da Asa Sul

Autor usou o Instagram para publicar ameaças de um massacre no colégio do DF em 23 de setembro. A página foi apagada e a polícia investiga para saber quem publicou as mensagens

(Fonte: GALVÃO, 2019)

Figura 15 – Manchete do jornal “Estado de Minas” do dia 07 de novembro de 2019

Aluno invade escola e atira contra colegas no Vale do Jequitinhonha

O fato aconteceu por volta das 8h, quando um grupo de jovens fazia atividades de educação física. Dois estudantes ficaram feridos

(Fonte: MAC; SILVA; RIBEIRO, 2019)

Figura 16 – Manchete do jornal “Gazeta do Povo” do dia 29 de agosto de 2019

Apenas 7 alunos vão para aula após ameaça em escola de Curitiba

Por Gazeta do Povo com informações da Tribuna do Paraná [29/08/2019] [10:31]

(Fonte: APENAS, 2019)

Figura 17 – Manchete do jornal “A Tribuna” do dia 3 de outubro de 2019

Aluno ameaça cometer crime em colégio de Santos

Informação foi confirmada pela instituição de ensino, que decidiu pelo afastamento do estudante



De A Tribuna On-line

03.10.19 11h13 - Atualizado em 25.11.19 21h43

(Fonte: ALUNO, 2019)

Figura 18 – Manchete do portal “G1” do dia 21 de agosto de 2019

Ataque com machadinha deixa alunos e professora feridos em escola do RS

Segundo a Secretaria de Educação, criminoso é um adolescente que fugiu e foi capturado no meio da tarde. Pelo menos seis alunos e uma professora precisaram ser atendidos, segundo a Polícia Civil.

(Fonte: ATAQUE, 2019)

Sendo assim, o questionamento sobre essa “crescente” se faz presente. Será que o tipo de abordagem sobre o massacre em Suzano, como feito pelo Brasil Urgente, acabou por

incentivar que crimes semelhantes ocorressem no país? Pois, como visto anteriormente, a notoriedade dada aos autores foi grande, também por vezes foi explorada através de imagens e reportagens a descrição quase que como um passo a passo da ação da dupla em Suzano.

Ou será que a mídia aproveitou da hipótese do agendamento para repercutir o caso de tanta comoção nacional? A hipótese do agendamento tem três principais características: a acumulação, a consonância e a onipresença. Para Noelle Neumann (1973)

a acumulação concerne à capacidade da mídia de criar e sustentar um tema como relevante; consonância trata da repetição de assuntos por diferentes noticiários e, por fim, a onipresença refere-se ao saber partilhado socialmente de que determinado assunto é público. (NEUMANN, 1973 apud CARVALHO, 2016, p.21)

É possível que este fenômeno de tantos casos relacionados a atentados em escolas no Brasil tenham relação com a consonância da hipótese do agendamento, em que casos semelhantes sempre ocorreram no país, mas ganharam destaque recentemente porque há uma repetição do assunto nos noticiários e, conseqüentemente um consumo das notícias sobre o assunto.

Ainda assim, é válido pensar na responsabilidade ética do exercício do jornalismo, pois é possível que uma coisa leve à outra, ou seja, a abordagem jornalística pode influenciar receptores e, por uma questão de critérios de noticiabilidade, mais notícias neste sentido sejam produzidas, ou então que casos que sempre ocorreram ganhem destaque na mídia e a partir daí influencie pessoas e mais notícias ainda sejam produzidas. As duas possibilidades podem acarretar em uma bola de neve fazendo com que o exercício da profissão perca, ainda mais, sua principal função que é social (FENAJ, 2007). Fatos como o de Suzano são carregados de questões complexas, que envolvem feridas sociais abertas e que devem ser levadas em consideração, para que contradições éticas e de irresponsabilidade não acabem colaborando com tais problemas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A tragédia acontecida em Suzano trouxe à tona uma série de aspectos jornalísticos, dentre os quais foram estudados os critérios de noticiabilidade, a ética na profissão e o sensacionalismo presente no gênero Jornalismo Policial. Escolheu-se observar tais aspectos na cobertura feita pelo programa Brasil Urgente um dia após o massacre, pois supôs-se que o conteúdo do programa passou por mais tratamento jornalístico do que o dia do massacre, de fato, por tratava-se de factual.

Para isso, a pesquisa conceituou os critérios de noticiabilidade com base em teóricos como Silva (2005) e Traquina (2001). Também trouxe pontos importantes do Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros, formulado pela Federação Nacional dos Jornalistas e os dilemas éticos da profissão trazidos por Carvalho (2019). A caracterização do Jornalismo Policial foi embasada nos estudos de Romão (2013). Desta maneira, a articulação do processo histórico foi necessária para analisar o *corpus* da pesquisa, o método dialético foi utilizado para que a análise da cobertura fosse feita, o conceito do método foi embasado por teóricos como Gil (2008), Minayo (2008) e Prodanov e Freitas (2013).

Ao executar a pesquisa, percebeu-se a complexidade tanto da cobertura dada pelo programa Brasil Urgente como do próprio massacre. Fatos como o de Suzano reacendem os dilemas éticos enfrentados nas redações de jornalismo. Quando no início do programa Brasil Urgente, que o apresentador José Luiz Datena, afirma que não vão mais exibir o vídeo de circuito interno das câmeras da escola é possível perceber que houve uma reflexão sobre a situação. Mas, em vários outros momentos a cobertura do programa feriu o Código de Ética, como no exagero das imagens de sofrimento durante o velório e o sepultamento, além da exposição de menores de idade, destaca-se também cerca falta de profissionalismo nos comentários do apresentador ao usar opiniões superficiais para explicar e/ou questionar o massacre que não podem ser consideradas argumentos, como foi o caso analisado do uso das crenças do apresentador que tratou a fatalidade como destino.

Foi possível observar que a cobertura do programa Brasil Urgente deu notoriedade aos atiradores ao produzir reportagens suas vidas, como planejaram o ataque e informações de como executaram, explorando as imagens dos atiradores e da situação. Isso faz que com que mais uma vez os dilemas éticos sejam retomados, pois é preciso noticiar o fato, é preciso denunciar os fóruns extremistas na internet e expor situações a fim de propor situações, mas como o fazer sem que tanta notoriedade seja dada aos autores destes casos? Os casos de repercussão trazidos após as notícias sobre o massacre em Suzano trouxeram uma hipótese de

que a cobertura da mídia tenha os influenciado. Porém, não é possível ter certeza, já que teoria do agendamento também é recurso conhecido no meio jornalístico.

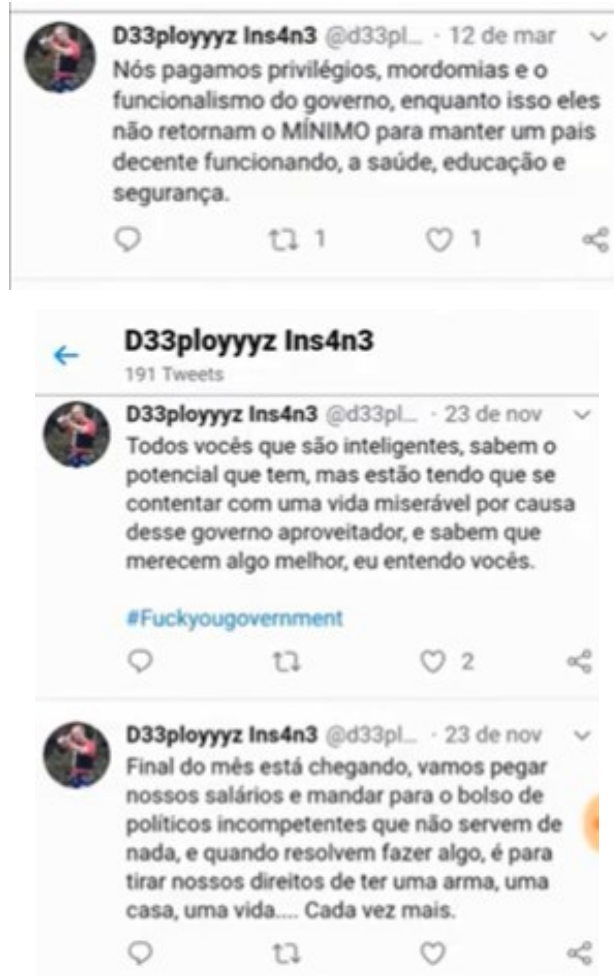
Além disso, a análise observou que o recurso da fomentação da sensação de insegurança, característico do Jornalismo Policial, proposto por Romão (2013), foi bastante utilizado quando especulou-se durante boa parte da programação sobre grupos terroristas formando-se no Brasil através da internet. O impacto que este tipo de programa tem sobre a subjetividade vale destaque, através da experiência particular da pesquisadora pode-se notar que o contato intenso com a programação trouxe a sensação da ameaça paranoica e constante mal-estar, o que provavelmente acontece com outros telespectadores.

Outra percepção apontada através da análise da cobertura do programa é que o discurso apresentado é simplista e coloca os problemas sociais como sendo algo que “está aí” e dificilmente pode ser mudado ou pensado, o discurso gira em torno de reclamar da violência e da ineficiência do Estado. A Rede Record, ao cobrir os desdobramentos do massacre, identificou o perfil de Guilherme Tauci, um dos assassinos, no *Twitter*⁹, é possível observar semelhanças dos discursos inflamados dos programas policiais com os *posts* de Guilherme. Não é possível afirmar que os programas policiais tenham influenciado tais comentários, porém é um ponto a refletir sobre as consequências dos discursos presentes neste tipo de programa.

Figura 19 – *Posts* de Guilherme Tauci no *Twitter*



⁹ Disponível em <https://noticias.r7.com/sao-paulo/atirador-celebrou-massacres-e-expos-planos-no-twitter-e-youtube-21032019> Acesso em 25 de novembro de 2019



(Fonte: Youtube¹⁰)

As principais contribuições da pesquisa foram as reflexões acerca da complexidade do fazer jornalístico, dos dilemas éticos da profissão e sobre a responsabilidade das escolhas do jornalista ao noticiar, que devem sempre ser pautadas pela ética, verdade e respeito. A fim de contribuir para a melhoria da sociedade. Como sugestão de trabalhos futuros que complementem o tema e mantenha-o em constante reflexão, propõe-se o estudo de comparação da cobertura dada ao massacre em diferentes veículos de comunicação, também uma análise de dados sobre a relação da violência com o Jornalismo Policial.

¹⁰ Disponível em <https://youtu.be/1UQ1F7ckR7Q> Acesso em 25 de novembro de 2019

REFERÊNCIAS

ALUNO ameaça cometer crime em colégio de Santos. **A Tribuna**. 03 outubro 2019. Disponível em: <<https://www.atribuna.com.br/cidades/santos/aluno-amea%C3%A7a-cometer-crime-em-col%C3%A9gio-de-santos-1.69873>> Acesso em 25 de novembro de 2019.

APENAS 7 alunos vão para aula após ameaça em escola de Curitiba. **Gazeta do Povo**. 29 agosto 2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/curitiba/apenas-7-alunos-vao-para-aula-apos-ameaca-em-escola-de-curitiba/>>. Acesso em 25 de novembro de 2019.

ATAQUE com machadinha deixa alunos e professora feridos em escola do RS. **Portal G1**. 21 agosto 2019. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/08/21/suspeito-invade-escola-estadual-com-machadinho-e-deixa-alunos-feridos-em-charqueadas.ghtml>>. Acesso em 25 de novembro de 2019.

CARVALHO, Claudiane. **Quem determina a agenda jornalística? Seleção e construção da notícia na relação entre assessoria de imprensa e jornalismo**. Revista Estudos de Jornalismo, n.5, v.2. Dispositiva, n.1, v. 5. 2016. Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/dispositiva/issue/view/758>>. Acesso em 25 nov. 2019.

CARVALHO, Guilherme (Org.) **A ética no jornalismo brasileiro: conceitos, práticas e normas**. Curitiba: InterSaberes, 2019.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. **Ética no Jornalismo**. São Paulo: Editora Contexto, 2008.

CORREIA, Fernando. **Os jornalistas e as notícias**. Lisboa: Editorial Caminho, 1997.

CRESCIMENTO digital, Folha lidera circulação total entre jornais brasileiros. **Folha de São Paulo**. 21 abril 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/04/com-crescimento-digital-folha-lidera-circulacao-total-entre-jornais-brasileiros.shtml>>. Acesso em 19 de novembro de 2019.

ÉTICA, etimologia. Portal Educação. Disponível em <<https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/idiomas/etica-origem-etimologica/63614>>. Acesso em 10 out. 2019.

EX-ALUNOS matam oito pessoas em ataque a escola em Suzano. **Folha de São Paulo**. 13 mar. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/03/atiradores-matam-cinco-alunos-e-um-funcionario-em-escola-em-suzano-na-grande-sp.shtml>>. Acesso em 30 de outubro de 2019.

FENAJ, Federação Nacional dos Jornalistas. **Código de ética dos jornalistas brasileiros**. Vitória, 2007. Disponível em: <https://docs.wixstatic.com/ugd/0611ce_7098c3c04ff04932805641abe1acbd9e.pdf>. Acesso em 27 jul. 2019.

GALVÃO, Walder. **Polícia Civil investiga ameaça de atentado em escola particular da Asa Sul**. Correio Braziliense. 16 agosto 2019. Disponível em:

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/cidades/2019/08/16/interna_cidadesdf,777532/policia-civil-investiga-ameaca-de-atentado-em-escola-na-asa-sul.shtml> Acesso em 25 de novembro de 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual: ensaios sobre o colapso da razão ética**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo: Editora UNESP, 2005.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC - Insular, 2001.

LUGÃO, Ana Luiza, **Jornalismo sensacionalista: O programa Brasil Urgente em cena**. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1846/2/20377680.pdf>> Acesso em: 16 set. 2018.

MAC, Aissa; SILVA, Cristiane; RIBEIRO, Luiz. **Aluno invade escola e atira contra colegas no Vale do Jequitinhonha**. Estado de Minas. 07 novembro 2019. Disponível em: <https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/11/07/interna_gerais,1099137/aluno-invade-escola-e-atira-contras-colegas-no-vale-do-jequitinhonha.shtml>. Acesso em 25 de novembro de 2019.

MARCONDES FILHO, Ciro. **A saga dos cães perdidos**. São Paulo: Hacker Editores, 2000.

MELO, José Marques de. **Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro**. 3.ed. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

MICHAELIS, Dicionário Brasileiro de Língua Portuguesa (verbetes éticos). Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/etica/>> Acesso em 20 out. 2019.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Caminhos do pensamento: epistemologia e método**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2ª reimpressão 2008.

NASCIMENTO, Patrícia; BEZERRA, Ada. **Roberto Cabrini e “Os meninos do viaduto”: conexão entre vivenciar e reportar?**. Intercom, 2010. Disponível em: <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2016/resumos/R52-0199-1.pdf>>. Acesso em 25 de novembro de 2019.

PARABÉNS imprensa: vocês deram a notoriedade que os atiradores de Suzano queriam. **The Intercept Brasil**. 14 março 2019. Disponível em: <<https://theintercept.com/2019/03/14/massacre-suzano-imprensa/>>. Acesso em 25 de novembro de 2019.

PERIGAGO, F. R. **O Perfil do Repórter de Telejornal Policial no Brasil**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo.

PLANALTO, Governo do. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm>. Acesso em 15 de novembro de 2019.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. Novo Hamburgo: Freevale, 2013.

PROIETI, Cadu; BRITO, Diego. **Caso Eloá: 10 anos após o assassinato da jovem, combate ao feminicídio pouco mudou**. 15 outubro 2018. Disponível em: <<https://www.metrojornal.com.br/foco/2018/10/15/caso-eloa-10-anos-apos-assassinato-da-jovem-combate-ao-feminicidio-pouco-mudou.html>> Acesso em 25 de novembro de 2019.

ROMÃO, D. M. M. **Jornalismo Policial: indústria cultural e violência**. 2013. 206 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

SAMPAIO, Tede. **Jornalismo e Ética na cobertura de sequestros: deslizos éticos cometidos pela mídia na cobertura do Caso Eloá**. Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, 2010, Intercom Nordeste. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2010/resumos/R23-0717-1.pdf>>. Acesso em 19 de novembro de 2019.

SILVA, Gislene. **Para pensar critérios de noticiabilidade**. Estudos em Jornalismo e Mídia. Florianópolis, Santa Catarina, v. 2, n. 1, 2005. ISSN 1984-6924.

TEODORO, G. **Jornalismo na TV**. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1980

TERRORISMO Doméstico. **Tribuna de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios**. 2010. Disponível em: <<https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/terrorismo-domestico>>. Acesso em 19 de novembro de 2019.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2001.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes: 2003.

ANEXOS
(DVD)

ANEXO A – Vídeo 01 “BRASIL URGENTE – 14/03/2019 – PARTE 01”

ANEXO B – Vídeo 02 “BRASIL URGENTE – 14/03/2019 – PARTE 02”

ANEXO C – Vídeo 03 “BRASIL URGENTE – 14/03/2019 – PARTE 03”